

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD

Tatiane Silvana dos Santos

OFICINAS ARTE EXPANDE:

O Ensino de Artes Visuais como instrumento modificador de
realidade na Baixada Fluminense

Rio de Janeiro

2021



Tatiane Silvana dos Santos

OFICINAS ARTE EXPANDE:

O Ensino de Artes Visuais como instrumento modificador de realidade na Baixada
Fluminense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Orientadora Prof. M.a Vivian Greco Cavalcanti
de Araujo

Rio de Janeiro
2021

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S237 Santos, Tatiane Silvana dos

Oficinas arte expande: o ensino de artes visuais como instrumento modificador de realidade na baixada fluminense / Tatiane Silvana dos Santos. - Rio de Janeiro, 2021.

74 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Vivian Greco Cavalcanti de Araújo.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Educação artística. 3. Oficinas. 4. Transformação social. I. Araújo, Vivian Greco Cavalcanti de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Tatiane Silvana dos Santos

OFICINAS ARTE EXPANDE:

O Ensino de Artes Visuais como instrumento modificador de realidade na Baixada
Fluminense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Me. Vivian Greco C. de Araújo (Orientador)
Colégio Pedro II

Dra. Alessandra Oliveira da Silva Caetano
Colégio Pedro II

Dra. Sirlene Ribeiro Alves
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2021

Dedico o presente trabalho à minha bisavó.

Palmira do Carmo, sábia mulher que virou um anjo. Você está guardada no melhor lugar da minha memória e do meu coração.

Sempre te amarei.

AGRADECIMENTOS

Gostaria, primeiramente, de agradecer a Deus, o ser bondoso que me ilumina e que me aceita do jeito que eu sou. Vos digo que acredito em um Deus que não se importa com nossa escolha pessoais e posicionamento político, por exemplo. Ele espera apenas o amor. Esse é o Deus que eu gostaria de agradecer.

Agradeço minha família de forma geral, isso inclui minhas tias Rita, Cida e Maisa. Obrigada à minha mãe Cláudia, mais conhecida como Bilu, por sempre acreditar em mim e pelo carinho. Obrigada aos meus avós (que considero meus pais de coração), Francisco Caetano e Maria Hilda, por nunca terem deixado de acreditar nos meus sonhos e por me protegerem de tantas coisas difíceis da vida. Agradeço todos os dias por ter vocês, ohana, na minha vida. Gratidão e Amor por vocês.

Quero agradecer, também, pelos seres especiais que chamo de amigos. Sou muito grata a vocês e me afeta de forma positiva saber que vocês acreditam no meu amor pela arte. Um agradecimento especial ao Marcelo Fernandes, Vanessa Senna e à Luana Goulart. Obrigada por tudo, meus queridos, principalmente pelo carinho e pela paciência em aturar meus dramas no ato de escrever.

Queria agradecer e homenagear minha querida amiga Nathanna Alves, dedico minhas palavras em sua memória. Obrigada por me apresentar e compartilhar um mundo de aventuras e sonhos. Te vejo no infinito. Obrigada ao Colégio Pedro II por me permitir refletir sobre o que eu mais amo dialogar: Artes Visuais. Sou grata às minhas professoras, por todo aprendizado, com uma dedicatória especial à minha orientadora Vivian Greco. Obrigada por tudo.

Por fim, quero agradecer aos grandes artistas que me fizeram sonhar e expandir meus pensamentos, por exemplo: Frida Kahlo, Miró, Salvador Dalí, Cândido Portinari e Tarsila do Amaral. Com vocês aprendi a voar.

Como disse Frida Kahlo:

“Pés, para que os quero, se tenho asas para voar?” ARTE EXPANDE!

Tatiane Silvana dos Santos

Mais importante do que a obra de arte propriamente dita é o que ela vai gerar. A arte pode morrer; um quadro desaparecer. O que conta é a semente.

Joan Miró

RESUMO

SANTOS, Tatiane Silvana dos. **Oficinas Arte Expande**: O Ensino das artes como instrumento modificador de realidade na Baixada Fluminense. 2020. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar o “Oficinas Arte Expande”, um produto educacional composto por uma série de oficinas de artes visuais voltadas para locais da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. A criação dessas oficinas visa possibilitar a experimentação de diversas linguagens artísticas, com a aplicação de atividades práticas envolvendo pintura, música, dança, entre outras formas de expressão, a fim de proporcionar aos envolvidos o crescimento do senso crítico, da sensibilização do olhar para o mundo que os cerca e promovendo humanização. Neste sentido, as oficinas têm como proposta a valorização da identidade cultural dos participantes no processo educativo, a automotivação e as transformações individuais e em grupo dos alunos perante a sociedade. As Oficinas Arte Expande pretendem possibilitar aos integrantes o desenvolvimento da percepção visual, dos valores estéticos, cognitivo-motor e da criatividade. Tal pesquisa busca refletir sobre a importância do aprendizado e da fruição das artes para o desenvolvimento dos indivíduos perante a sociedade, isto é, o papel da arte como ferramenta de transformação social. A fundamentação teórica tem como referências Ostrower, Fischer, entre outros teóricos que, através de suas pesquisas, afirmam o valor das artes como ferramenta potencializadora na educação e na história da humanidade.

Palavras-chave: Artes Visuais. Oficinas. Educação. Ensino das artes. Transformação social.

ABSTRACT

SANTOS, Tatiane Silvana dos. **Oficinas Arte Expande: O Ensino das artes como instrumento modificador de realidade na Baixada Fluminense.** 2020. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

The purpose of this work is to present the “Oficinas Arte Expande”, an educational product composed of a series of visual arts workshops aimed at places in the Baixada Fluminense of Rio de Janeiro. The creation of these workshops aims to enable the experimentation of different artistic languages, with the application of practical activities involving painting, music, dance, among other forms of expression, in order to provide those involved with the growth of the critical sense, of the awareness of looking at the world that surrounds them and promoting humanization. In this sense, the workshops propose to enhance the cultural identity of the participants in the educational process, self-motivation and the individual and group transformations of students before society. The Arte Expande Workshops aim to enable Members to develop visual perception, aesthetic values, cognitive-motor and creativity. Such research seeks to reflect on the importance of learning and the enjoyment of the arts for the development of individuals before society, that is, the role of art as a tool for social transformation. The theoretical foundation is based on Ostrower, Fischer, among other theorists who, through their research, affirm the value of the arts as a potentializing tool in education and in the history of mankind.

Keywords: Visual arts. Workshops. Education. Teaching the arts. Social transformation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 A importância do ensino de artes visuais em regiões de baixa renda	15
2.1.1 O ensino de artes visuais e o desenvolvimento social	17
2.1.2 O panorama do ensino de artes visuais na baixada fluminense	19
2.2 As oficinas artísticas como metodologia de ensino de artes visuais	23
2.2.1 Uso de oficinas como metodologia de ensino	24
2.3 O projeto oficinas Arte Expande	26
2.3.1 Metas a serem alcançadas	27
2.4 O lúdico, o motor, a criatividade e a percepção visual	28
2.4.1 O lúdico	29
2.4.2 O desenvolvimento motor	30
2.4.3 A criatividade	31
2.4.4 A percepção visual	32
2.5 A questão do senso crítico	33
2.5.1 O senso crítico dentro do projeto oficinas arte expande	35
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
4 REFERÊNCIAS:	38
APÊNDICE A – O PRODUTO EDUCACIONAL	42

1 INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário eletrônico Priberam (2020, não paginado), o vocábulo "expandir" deriva do latim "expando", que tem como um de seus significados "ir mais longe", "prolongar-se"¹. Seguindo essa definição, o projeto Oficinas Arte Expande nasce do desejo de levar para centros comunitários e locais públicos da região da Baixada Fluminense² do Rio de Janeiro uma série de oficinas pedagógicas envolvendo diversas expressões artísticas como: música, dança, artes plásticas, fotografia, literatura, entre outras linguagens.

A partir dessas oficinas, o objetivo é pensar sobre a forma pela qual a arte tende a influenciar positivamente o cotidiano dos envolvidos no projeto, e qual a sua importância para expansão do senso crítico deles, refletindo, assim, sobre o seu papel como ferramenta de transformação social.

Porém, como é possível criar diálogos com estas pessoas de uma forma em que as trocas de experiências não sejam confundidas com o erro do colonialismo cultural? Ou seja, que tais trocas aconteçam por intermédio do reconhecimento e do respeito às características particulares de cada indivíduo e de cada grupo. Além dos valores sociais e estéticos, o produto visa possibilitar aos envolvidos o reconhecimento e a valorização da identidade cultural da sua região por meio de temáticas que pertencem ao cotidiano de cada participante. Como dito pela autora:

Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são os códigos dominantes - os códigos do poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mas tais códigos continuarão como um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da sua própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do "outro". A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais. (BARBOSA, 1998, p.15).

Partindo dessa premissa, compreende-se o valor social, cultural e estético da arte no dia a dia de todo cidadão. De acordo com o artigo XXVII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, "Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam". (ONU, 1948, p.13/14.). Baseado nessa afirmação, faz-se necessário que todo o ser

¹ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/EXPANDE>. Acessado em: 12 de junho de 2020.

² A Baixada Fluminense é uma região do estado do Rio de Janeiro, englobando os seguintes municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

humano entre em contato com diversas linguagens artísticas e com pluralidades culturais. Nesse contexto, que refletimos no “para quê” e no “porquê” da arte no cotidiano de cada indivíduo.

Como afirma a autora Barbosa (2009, p.21):

A arte, como linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

A partir das observações expostas, a presente pesquisa busca apresentar uma reflexão sobre o ensino das Artes Visuais em seu contexto social, a partir do diálogo com diversos autores que relatam em suas pesquisas o valor da arte para a sociedade. Focando, a partir das reflexões que serão geradas, na difusão da arte na região da Baixada Fluminense, que embora seja uma região rica no contexto histórico e cultural, não possui um número significativo de políticas culturais propostas pela administração pública para desenvolver a cultura local. De acordo com o Mapeamento dos Grupos criativos da Baixada Fluminense:

Opondo-se à asfixia social, econômica, política e cultural que marca a região, preservam e produzem diferentes expressões culturais e artísticas, em uma contínua recriação de seus pertencimentos identitários e reinvenção de dinâmicas organizativas e manutenção de suas atividades. Por meio delas, imprimem em suas ações os valores, materiais e imateriais, que compartilham, e propõem à região modos diversos e criativos de fundir criatividade, arte, vida, poesia e cidadania. (IBASE, 2015, p. 11)

O produto educacional Oficinas Arte Expande apresentado nesta pesquisa foi desenvolvido visando demonstrar possíveis caminhos para trabalhar oficinas artísticas em áreas periféricas voltadas à população de baixa renda. O projeto será itinerante, percorrendo diversos locais da região, o que possibilita facilidade de locomoção e maior número de pessoas atendidas. O propósito é levar para esses espaços oficinas dinâmicas, lúdicas e com referências teóricas que possibilitem aos participantes a aquisição de ferramentas para o processo de fruição nas atividades.

Como proposta, as Oficinas Arte Expande visam pensar na materialidade de suas ações, a partir de objetos acessíveis e disponibilidade de insumos para as práticas artísticas, no intuito de promover a adaptação aos problemas de infraestrutura dos locais que serão realizados. O produto tem como finalidade oportunizar aos integrantes novas percepções de suas realidades e possibilitar o diálogo entre eles, para que, assim, possam solucionar de forma individual e coletiva as inquietações sobre o mundo que os cerca.

A finalidade do produto educacional Oficinas Arte Expande é de possibilitar, por meio da educação não formal, uma variedade de oficinas de arte-educação voltadas para os moradores de locais periféricos da Baixada Fluminense, uma região próxima à capital do Rio de Janeiro, com uma população composta de vasta diversidade cultural, mas carente de serviços básicos e políticas públicas que visem dirimir as necessidades da região em vários aspectos.

Essa carência implica de forma negativa no desenvolvimento econômico da região e no cotidiano dos moradores. Por isso, é de suma importância pensar em ações que possam criar transformações positivas na rotina dessas pessoas que estão em condições sociais vulneráveis. Portanto, o foco do projeto é desenvolver ações educativas e atividades culturais que possibilitem a valorização da cidadania dessa população.

A pesquisa teórica do projeto oficina Arte Expande é originada por observações referentes aos baixos índices de IDH na Baixada Fluminense e a escassez de investimentos públicos para o desenvolvimento social da área, particularmente no que tange as artes plásticas. De acordo com análise do IBASE no estudo do Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense, a região é composta por uma população que vive à margem de serviços públicos, principalmente nas áreas de saúde, educação e infraestrutura. Segundo o estudo:

Constituídas, em sua origem, como cidades-dormitórios, ainda hoje enfrentam desafios quanto à oferta de condições básicas de sobrevivência, lidando com problemas derivados da distribuição desigual e insuficiente dos serviços e equipamentos urbanos; falta de acesso a serviços de saúde e educação; crescente demanda por habitações; transporte público insuficiente e caro; degradação do meio ambiente e o esgotamento dos recursos naturais; insegurança pública, que coloca em risco seus moradores. (IBASE, 2015, p. 29).

Entre os anos de 2013 e 2014, o Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense fez um levantamento de instituições e grupos envolvidos com atividades culturais como Folia de Reis, teatros, cineclubes, produção audiovisual, samba, forró, pontos de culturas, centros culturais, entre outros. O relatório contém várias informações sobre o cenário cultural na Baixada e sua diversidade. O Estudo em questão estabelece:

A “Baixada” constitui-se em uma categoria ambígua, sendo simultaneamente

considerada como “celeiro artístico”, terra “rica em cultura”, “faroeste caboclo”, “terra de ninguém”, lugar de gente “mais carinhosa” e, ao mesmo tempo, “que não tem nada”, conforme diferentes autores. Muitos enfatizam a contradição evidente que reside na convivência entre uma rica produção artística e cultural e uma estrutura sociopolítica extremamente pobre. Ao se colocarem em perspectiva as taxas de escolaridade da região, a enorme densidade demográfica, o ínfimo número de aparelhos culturais e a ausência de políticas culturais, obtém-se um cenário desfavorável para promoção da cidadania, incentivo e fomento às manifestações artísticas e possibilidades de lazer de seus moradores (IBASE, 2015, p.31).

De acordo com a Constituição Federal Brasileira (BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988): “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. O artigo de 1988 afirma que é dever do Estado estimular esse contato, partindo da premissa de que todo ser humano tem como direito usufruir o acesso à cultura.

De acordo com o Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense, fica evidente que falta o envolvimento efetivo da administração pública na distribuição de recursos que apoiem a cultura da região. Isso demonstra o quanto é importante o trabalho de projetos sociais voltados para área de arte-educação que possam suprir essa ausência. Em um simpósio no ano de 2009 sobre processo civilizatório e reconstrução social através da arte, Barbosa afirma:

As minhas mais recentes pesquisas têm comprovado que o ensino da Arte de melhor qualidade não está nas Escolas, mas nas Organizações Não Governamentais – ONGs, que buscam a reconstrução social de crianças e adolescentes, principalmente nas ONGs comunitárias. No Brasil, todas as ONGs, que têm obtido sucesso na ação com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade, estão trabalhando com Arte e até vêm ensinando às escolas formais a lição da Arte como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano. (2009, p.1)

Atualmente, a educação não formal vem crescendo e ocupando um espaço importante na disseminação de arte e de cultura em regiões de baixos índices sociais, como ONGs, projetos culturais de coletivos e afins, proporcionando à população trocas de conhecimentos e trabalhos socioeducativos. Diante disso e baseado nas adversidades da região, o Oficinas Arte Expande terá como foco possibilitar um universo de reflexão e conhecimento a partir das trocas que serão construídas entre os educadores e educandos envolvidos no projeto, a fim de gerar ações que possam favorecer toda comunidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - A importância do ensino de artes visuais em regiões de baixa renda

O conceito de baixa renda é utilizado para determinar os fatores socioeconômicos de pessoas que vivem com uma renda considerada abaixo da média nacional. Acreditamos que essa vulnerabilidade social e a insegurança pública cause implicações nocivas no cotidiano dessa população, criando uma série de adversidades no contexto econômico e social da região. A respeito disso, o autor reflete:

Com um atendimento “precarizado” no tocante aos mínimos sociais (saúde, habitação, saneamento básico, transporte, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços públicos, direito à História, identidade, dignidade), as chamadas “comunidades” sobrevivem num ambiente hostil, violento e com muito poucas perspectivas de vida e de progresso sócio-econômico. (NASCIMENTO, 2010, P. 17/18).

Partindo dessa análise, faz-se necessário pensar na importância da educação como uma ferramenta capaz de produzir novos conhecimentos e como um elemento essencial na formação social dos indivíduos que moram em regiões periféricas. Entendemos que, através da promoção de ações educativas, é possível impactar positivamente a região em um cenário favorável para o desenvolvimento da cidadania, possibilitando que os envolvidos ampliem uma consciência crítica sobre seus papéis sociais e sobre o seu potencial criador.

De acordo com Ostrower, no que se diz respeito ao potencial de criação do homem, a partir do ser consciente-sensível-cultural (2014, p.11), nasce o ser criativo que por meio de seus processos intuitivos e instintivos conscientiza-se perante sua realidade social. É nesse ponto que entendemos o ensino de Artes Visuais como uma ferramenta potencializadora de humanização e transformação das percepções do indivíduo e da realidade na qual está inserido. A autora ainda reitera sobre a importância dos valores culturais no processo de conscientização:

Ao ser tornar consciente de sua existência individual, o homem não deixa de conscientizar-se de sua existência social, ainda que o processo não seja vivido de forma intelectual. O modo de sentir e de pensar os fenômenos, o próprio modo de sentir-se e pensar-se, de vivenciar aspirações, os possíveis êxitos e eventuais insucessos, tudo se molda segundo ideias e hábitos particulares ao contexto social em que se desenvolve o indivíduo. Os valores culturais vigentes constituem o clima mental para o seu agir." (OSTROWER, 2014, p.16)

Sendo assim, durante o processo de conscientização, a cultura na qual está inserido o

indivíduo o estimula a compreender e perceber sua dimensão social e, por meio do desenvolvimento crítico, sua emancipação gregária. Para a autora, a cultura influencia o ser sensível e orienta o ser consciente na mesma medida, e a sensibilidade orienta o indivíduo em suas considerações para alcançar determinadas metas da vida (OSTROWER, 2014, p.17).

Vale aqui ressaltar Nascimento, que aponta:

Como experiência de saber, de expressão, de visão de mundo e criação de cultura, a Arte é o conhecimento não rígido que se abre às novas leituras e formas de representação. É ela quem fala e tece reflexões sobre e em torno da realidade. Uma vez que aciona a capacidade de simbolização humana, ela atua e exercita aspectos da racionalidade abstrata como a imaginação, a concepção, criação e associação de ideias e conteúdos. (2010, p. 143).

Portanto, devido à sua natureza flexível, agregadora e com uma inclinação à inovação, respeitando o que já foi feito, mas sem se amarrar a paradigmas, a arte é uma ferramenta importante para união desse indivíduo com o todo e, ao compartilhar suas individualidades, a sua identidade cultural se afirma e se expande. Por meio da arte o homem socializa e compartilha experiências e percepções sobre o mundo em que vive. A esse respeito discorre Kosik (1980, p. 130), que reitera:

Na grande arte a realidade se revela ao homem. A arte no sentido próprio da palavra, e ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem desde as representações e os preconceitos sobre a realidade, até à própria realidade e à sua verdade. Na arte autêntica e na autêntica filosofia revela-se a verdade da história: aqui a humanidade se defronta com a própria realidade.

Em razão das questões apresentadas, podemos perceber a necessidade que o ensino de Artes Visuais seja aplicado, difundido e valorizado em locais de baixa renda de regiões periféricas, as quais ficam distantes dos grandes centros urbanos e apresentam poucos investimentos de políticas públicas voltadas para a área de cultura, nas quais se incluem a própria disciplina.

Partindo da premissa de que a essa disciplina produz humanização, e fruir Artes se faz relevante para a inserção e evolução do indivíduo crítico na sociedade, além do acesso às manifestações artísticas, o que revela para os envolvidos no processo o poder de criticidade perante suas realidades.

2.1.1 O ensino de artes visuais e o desenvolvimento social

Pretendemos aqui iniciar uma reflexão sobre o Ensino de Artes Visuais no âmbito do desenvolvimento social humano. Considerando, por entendimento próprio, que arte em seu contexto histórico foi e sempre será uma forma de comunicação e de transformações perceptivas do homem. Assim, como afirmado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis presente em todas as manifestações culturais. O homem que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu. A aprendizagem e o ensino da arte sempre existiram e se transformaram, ao longo da história, de acordo com normas e valores estabelecidos, em diferentes ambientes culturais. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, BRASIL, 1997, p. 20/21).

Na arte primitiva, o homem fazia representações de forma mágica sobre o mundo onde vivia, como afirma Farthing: ‘Sempre se presume, corretamente ou não, que o propósito da arte em sociedades sem organização política — a pintura rupestre, por exemplo — tenha sido mágico. Imagina-se que ela expressasse crenças comuns e exercesse algum papel em rituais da comunidade’ (2010, p. 8). Como base na presente afirmação, Farthing ainda declara:

Ao longo da história, nenhuma sociedade, por mais baixo que tenha sido seu nível de existência material, deixou de produzir arte. Representações e decorações, assim como a narração de histórias e a música, são tão naturais para o ser humano quanto a construção de ninhos é para os pássaros. Ainda assim, as formas de arte variaram radicalmente em épocas e lugares diversos, sob a influência de diferentes circunstâncias culturais e sociais. (2010, p. 8)

Faz-se necessário, baseado na perspectiva acima, ressaltar Fischer (1987), que reflete sobre a necessidade de arte e seu equilíbrio entre o homem e o mundo, assim considerando:

A arte concebida como “substituto da vida”, a arte concebida como meio de circundante, trata-se de uma ideia que contém o reconhecimento parcial da natureza da arte e da sua necessidade. desde que um permanente equilíbrio entre o homem e o mundo que circunda não pode ser previsto nem para a mais desenvolvida das sociedades, trata-se de uma ideia que sugere, também que a

arte não só é necessária e tem sido necessária, mas igualmente que a arte continuará sendo sempre necessária. (FISCHER, 1987, p. 11).

Com base na reflexão acima, o autor demonstra a importância e a necessidade da arte na relação do homem com o mundo, tanto nos processos de descobertas, como nos de humanização. Sendo assim, o autor demonstra a importância e a necessidade da arte, do seu ensino e da sua difusão na relação do homem com o mundo em que ele vive. Além das questões ritualísticas e de comunicação, pode-se dizer que existia, desde os primórdios, uma ânsia de expressão para além das necessidades cotidianas que envolvem o fazer artístico. De acordo com essas fundamentações, podemos refletir sobre o potencial da arte na formação social do homem e, portanto, reiterar a relevância da difusão e do ensino das artes.

Fischer conclui que as manifestações artísticas, em geral, são reflexo do *Zeitgeist* (espírito do tempo) na qual elas nascem, fruto temporal da sociedade e suas conseqüentes ideias, aspirações e necessidades específicas. Por isso, tudo que é oriundo dessa área reflete a época histórica e a cultura na qual se originou, surgindo quase em concomitância com o Homem, derivada do trabalho, uma característica do próprio ser humano. (FISCHER, 1987, p. 21). Sendo assim:

O homem se apodera da natureza transformando-a. O trabalho é a transformação da natureza. O homem também sonha com um trabalho mágico que transforma a natureza, sonha com a capacidade de mudar os objetos e dar-lhes nova forma por meios mágicos. Trata-se de uma equivalente na imaginação àquilo que o trabalho significa na realidade. (FISCHER, 1987, p. 21).

A visão que o potencial criador do homem se dá por meio do trabalho, resultando na arte, é compartilhada pela autora Ostrower, que disserta em sua pesquisa sobre o tema, refletindo:

Nem na arte existiria criatividade se não pudéssemos encarar o fazer artístico como trabalho, como fazer intencional produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de viver. Retirando à arte o caráter de trabalho, ela é reduzida a algo supérfluo, enfeite talvez, porém, prescindível a existência humana. (OSTROWER, 2014, p. 31).

Portanto, o ensino das artes visuais durante a História e o desenvolvimento do Homem - no sentido de transmissão de conhecimento e humanização - também busca uma conservação do que foi feito na área, sendo uma parte importante do trabalho humano, contribuindo não apenas para o desenvolvimento do indivíduo, mas para a sociedade como um todo. Assim, a arte não apenas amplia percepções, mas também gera oportunidades e colabora com o crescimento das comunidades.

Porém, entendemos que a Arte é mais do que uma reprodução de paradigmas, pois busca ampliar possibilidades para além de repetir o que já foi feito, dando ferramentas para que o indivíduo crie algo novo. Para o autor Canclini (1980, p.32), a arte em sua dimensão social “(...) não é só resultado de seus condicionamentos. É também agente de transformações, um foco em criatividade e de iniciativa social. Artistas e teóricos disseram-no infinitas vezes”. Para Canclini (1980) o fazer artístico ajuda a expandir limites, pois por meio da prática novos horizontes surgem para aqueles dispostos a ter contato com tais manifestações do espírito humano.

Concluimos que, através da arte e do seu desenvolvimento na sociedade, pelas técnicas já dominadas e o conseqüente fornecimento de ferramentas para tanto conservar quanto criar manifestações, a disciplina e tudo que ela engloba é um fator fundamental para a comunidade e contribui para a riqueza imaterial como um todo. Isso é corroborado por um trecho do PCNs de Arte, livro 6:

Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos ((PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS , BRASIL, 1997, p. 19).

Mais que uma forma de expressão, a arte desempenha um papel necessário na inclusão social e no crescimento do homem em uma sociedade em constante transformação, mostrando-se como geradora de novos horizontes para os indivíduos envolvidos em suas *práxis*, e possibilitando aos participantes novas perspectivas perante os desafios de suas realidades.

2.1.2 O panorama do ensino de artes visuais na baixada fluminense

Cabe ao iniciar o capítulo um adendo sobre a intenção inicial de realizar uma pesquisa de campo sobre os grupos a serem citados, porém, em razão da pandemia em curso durante a produção deste trabalho, não existia a possibilidade de acompanhar *in loco* a atuação e as propostas de quem atua na região. Sendo assim, segue um levantamento sobre a região tendo como base uma pesquisa sobre os grupos criativos da Baixada e suas múltiplas manifestações culturais.

De acordo com o Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense (IBASE, 2015), criado com intenção de contribuir para implantação de políticas públicas na área de

cultura da região, existem atualmente diversos grupos criativos que difundem projetos voltados para área de Artes Visuais na Baixada Fluminense. Com base no Mapeamento, tais organizações seriam:

Aqueles que possuem envolvimento na proposição e na produção cultural dos municípios da Baixada Fluminense e que, lançando mão de práticas inovadoras, solidárias e colaborativas, constroem/promovem espetáculos, iniciativas, ações e atividades geradoras de pertencimentos, identificações, filiações e articulação econômica e política. Reúnem-se com regularidade (presencial e/ou virtualmente), inventando formas de lidar com a realidade, de modo a torná-la mais interessante, divertida, tolerável, manipulável e compreensível. (IBASE, 2015, pg. 45).

Entre os anos de 2013 e 2014, o Mapeamento dos Grupos Criativos iniciou uma pesquisa tanto de manifestações artísticas formais e não formais em produção na área da Baixada, por meio da técnica estatística de Amostragem Estratificada Proporcional, realizada por agentes culturais da própria região. O trabalho de pesquisa tinha como finalidade, para além do levantamento dos grupos, proporcionar suporte e o diálogo entre aqueles que se encontravam ativos na área.

A pesquisa faz parte do programa Brasil Mais Próximo, que objetiva “... construir uma rede de políticas públicas, oportunidades e intervenções para acompanhar os processos internos de desenvolvimento local integrado, solidário e sustentável” (IBASE, 2015, p. 9).

Segundo o mesmo estudo, foram contabilizados mais de 115 coletivos criativos dedicados ao teatro, música, dança e artes plásticas, tanto formalizados com CNPJ quanto não formalizados. Sendo assim: “as principais atividades concentram-se na produção de eventos (77%), na dinamização de oficinas (77%) e na oferta de aulas (70,5%). Entre os não formalizados, predominam a produção de eventos (60,4%) e a realização de espetáculos (56,6%)” (2015, p. 65).

Após o trabalho de pesquisa e mapeamento, observou-se que apenas alguns grupos eram beneficiados com apoio financeiro e patrocínios, recorrendo a diferentes formas para manter suas ações. De acordo com o estudo:

Dos entrevistados, 61,74% (71 grupos) declararam não receber nenhum tipo de financiamento/auxílio para realização das atividades. Os grupos revelaram mobilizar diferentes estratégias para garantir sustentabilidade e continuidade de seus projetos. A maior parte deles (58,77% ou o equivalente a 67 grupos) mantém-se por meio de apoios pontuais e doações. Ações comunitárias entre seus membros – bingos, rifas, e, possivelmente, em tempos futuros a modalidade de crowdfunding –, cachês recebidos, editais no campo da cultura, nos âmbitos federal, estadual e municipal e da iniciativa privada, e, por fim, premiações, aluguel de espaços, entre outras modalidades. (IBASE, 2015, p. 66).

Isso demonstra que mesmo com a existência e a atuação de tais coletivos interessados em difundir o ensino de práticas artísticas, a dificuldade financeira inerente ao que se pretende e os gastos para manter as atividades demonstram uma barreira difícil de transpor, pois, de acordo com a pesquisa citada, apenas alguns conseguem se manter por intermédio de apoio de políticas públicas.

Outro empecilho é encontrar um local onde as aulas possam ser realizadas, fato que reflete no planejamento das atividades. Poucos possuem local próprio, e muitas vezes as aulas são ministradas em locais públicos, como demonstrado pelo mapeamento, no qual foi constatado que essas atividades eram realizadas em diferentes espaços da região.

Como local preferencial para organização e manutenção do grupo, 33,3% (equivalente a 38 grupos) indicam possuir sede própria e outros 27,19% (equivalente a 31 grupos) organizam-se em espaços cedidos e/ou emprestados por instituições diversas – igrejas, escolas e outros parceiros. 26,32% (equivalente a 30 grupos) declararam praticar suas atividades na casa de algum de seus integrantes e 24,56% (ou 28 grupos) em espaços alugados. Em menor número, espaços públicos ou privados são utilizados (IBASE, 2015, p. 54).

Ao final do mapeamento, as principais pautas foram as dificuldades para realizar a manutenção e a execução das atividades. Assim, é demonstrado a falta de investimentos e do apoio dos poderes público e privado, impactando o crescimento, e conseqüentemente a contribuição para o desenvolvimento da área. Segundo pesquisa: “Listada como prioritária, a situação FINANCEIRA dos grupos foi apontada por 90,27% (equivalente a 102 grupos) como principal preocupação, seguida por questões relacionadas à infraestrutura (69,91% ou 79 grupos) e mobilidade (43,36% ou 49 grupos)” (IBASE, 2015, p.74).

Entre os conjuntos artísticos mapeados pelo estudo está o Centro Cultural Donana, no município de Belford Roxo, que promove desde cineclube, aulas de dança a saraus e atividades de artes plásticas. Durante uma entrevista para o canal Culturando³ no Youtube, Didan Nascimento um dos fundadores do centro, relata sobre os benefícios que os projetos realizados proporcionam aos alunos e as comunidades do entorno. De acordo com Nascimento, o principal objetivo: “...é de reunir pessoas, agregar valores dentro da arte da cultura. Nisso reside o Centro Cultural Donana”. (NASCIMENTO, 2017, não paginado).

Outra organização a ser destacada é o projeto COMCAUSA, Organização Não-Governamental (ONG) voltada para atividades ligadas na promoção da defesa dos direitos humanos, em Nova Iguaçu, promovendo ações itinerantes nas áreas de cultura, cinema e artes

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PHYAhUvMADs&t=499s>. Acessado em 15 de junho de 2020.

visuais. O presidente e fundador do projeto, Adriano Dias, explica em seu canal⁴ particular sobre o projeto: “a ideia inicial era fazer uma coisa de 3 anos, depois a gente repensou em fazer ciclos completos. Trabalhamos em três cidades, porque o perfil da gente nunca foi o perfil de um lugar só, sempre foi muito mais itinerante”. Ele ainda completa: “nossa questão de trabalho, (a proposta) é muito a questão de cultura de direitos(...) o apoio de movimentos, é o fomento à cultura, (...) é que a pessoa tenha entendimento de si”. (DIAS, 2015, não paginado).

Já no município de São João de Meriti existe a Casa da Cultura⁵ – Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense, ONG voltada para a produção artística. O local foi construído na década de 90 e hoje possui diversos projetos voltados para área cultural que beneficiam principalmente os moradores da região. De acordo com o site da instituição no que se diz respeito a missão e valores: “A Casa da Cultura tem buscado articular a dimensão cultural à ação política, valorizando o trabalho comunitário, as múltiplas expressões culturais existentes (...)”. (Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense, 2020, não paginado).

Outro centro essencial na difusão das artes é o CAC – Centro de Arte e Cultura da UFRRJ⁶ um espaço de expressão artística que oferece diversos cursos e oficinas, como de desenho, aquarela, dança, escultura, fotografia, entre outras experimentações artísticas. Na página do centro do Facebook o coordenador do projeto, Matheus Souza, afirma que: “o centro de arte e cultura nada mais é como uma ponte entre a universidade e as cidades vizinhas (...) O nosso compromisso, para além do agradecimento ao espaço que nós temos e aos privilégios de ser estudantes universitários na realidade de hoje. (SOUZA, 2019, não paginado)

Outra organização que promove cultura em Nova Iguaçu é o Instituto Enraizados⁷, que surgiu na década 90 e tem como foco utilizar o hip hop como ferramenta de transformação social, promovendo cursos de dança e de grafite para a comunidade do entorno. O Enraizados tem como missão, de acordo com sua página oficial: “Promover o protagonismo da juventude através da iniciação e aperfeiçoamento às artes integradas do hip hop, estimulando o senso crítico para transformar a realidade dos territórios em que estão inseridos”.

Inferimos, a partir das informações listadas pelo Mapeamento dos Grupos Criativos, no

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jCHMbjC8NkA&t=3595s> Acessado em 17 de junho de 2020.

⁵ Disponível em: <https://casadaculturabaixada.org.br/> Acessado em 17 de junho de 2020.

⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/cac.rural/?ref=page_internal Acessado em 17 de junho de 2020.

⁷ Disponível em: <http://www.enraizados.org.br/quemsomos/> Acessado em 18 de junho de 2020.

qual os citados se incluem, o quanto se faz necessário propor projetos voltados para área de Cultura e Artes Visuais em regiões de baixa renda. Notamos que tais atividades possibilitam aos participantes o conhecimento e o desenvolvimento de atividades artísticas e que, a partir delas, eles criam diálogos com a comunidade da qual fazem parte, difundindo cultura e trazendo impactos positivos para os próprios cotidianos.

É importante pensarmos, a partir dessas questões, no impacto que esses centros de cultura geram nas comunidades, pois ensinam e divulgam fazeres e saberes que fazem parte de todas as diferentes sociedades da História, e relegá-las a um papel de menor importância somente contribui para o empobrecimento da comunidade onde isso ocorre. Por isso, a arte e a cultura não podem ser analisadas como gastos pelo poder público, e sim como investimento, visto que geram riqueza tanto material quanto imaterial para os envolvidos e para tudo que os cerca.

2.2 As oficinas artísticas como metodologia de ensino de artes visuais

Através do uso das linguagens artísticas, o ser humano constrói conhecimentos pela ação, pela prática e pelo fazer artístico. Compreende-se, a partir dos PCNs (1997, p.15), que: “A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico (...) por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação”. No mesmo documento consta que:

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance). Cada uma dessas visualidades é utilizada de modo particular e em várias possibilidades de combinações entre imagens, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si de diferentes maneiras. (BRASIL, 1997, p. 45).

Com base nessa afirmação, refletimos sobre as práticas que promovem o desenvolvimento dessa pluralidade de ações de forma potencializadora, como exemplo, o uso de oficinas artísticas como proposta de ferramenta de ensino. As oficinas são recursos metodológicos utilizados com regularidade no ensino de Artes Visuais e criam, por intermédio das linguagens artísticas, novas opções didáticas para além do método tradicional de ensino, tanto em sala de aula como voltado para educação não formal. Conforme define Anastasiou e Alves:

A oficina caracteriza-se como uma estratégia do fazer pedagógico em que o

espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim, vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva. (2009, p.96):

Sendo assim, entendemos que as oficinas artísticas são locais de criação e de exploração do pensamento artístico por meio da prática, viabilizando aos educandos propostas de atividades dinâmicas e lúdicas. Para além, a busca de uma construção de conhecimento por meio das Artes Visuais com desenvolvimento pessoal e coletivo, mirando difundir um entendimento maior dos participantes com o mundo no qual estão inseridos.

2.2.1 Uso de oficinas como metodologia de ensino

A palavra “oficina” possui diversos significados em diferentes campos de conhecimento. Analisamos, na presente pesquisa, como o termo “oficina” é usado no campo da educação e de que forma essa metodologia favorece o processo de ensino-aprendizagem, com a finalidade de pensarmos em quais possibilidades essa prática pedagógica possibilita aos educadores e educandos.

Conforme define o dicionário Aurélio digital (2010, np.), o significado de oficina no que diz respeito ao nível educação significa:

Ambiente destinado ao desenvolvimento das aptidões e habilidades, mediante atividades laborativas orientada por professores capacitados, e em que estão disponíveis diferentes tipos de equipamentos e materiais para o ensino ou aprendizagem, nas diversas áreas de conhecimento.

Portanto, o termo “oficina” é comumente utilizado para buscar o aprimoramento de alunos de uma determinada área. Já no que se diz respeito a etimologia do vocábulo em questão, Cano diz:

Em termos de etimologia, o termo oficina vem da palavra francesa "atelier", que se refere ao local em que um artista plástico ou escultor trabalha, e que reúne artistas familiarizados com uma determinada técnica ou trabalho para compartilhar o que sabem respeito, ou aos discípulos do referido artista, a fim de aprender com o mestre. Por sua vez, o termo "atelier" vem de "astelle" ("astilla"), referindo-se a estaleiros, locais onde os navios são construídos ou arranjados. É interessante reter alguns dos significados originais do termo oficina, ressignificá-los ao pensar na oficina na educação popular. De fato, na educação popular, a oficina continuará sendo, de alguma forma, um lugar onde se trabalha, cria obras, compartilha conhecimentos, esculpe novas formas e repara barcos para realizar novas viagens. (2012, p. 31)

Por outro lado, em termos pedagógicos, o escritor argentino Ander-Egg (1991, p. 10) define oficina da seguinte forma:

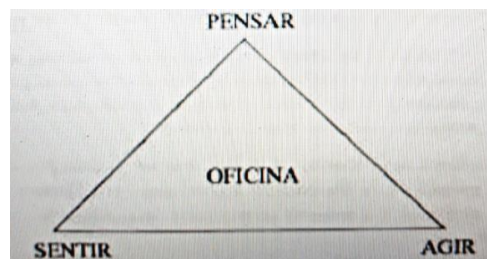
Como primeira aproximação, devemos dizer que a palavra da oficina, como usada na linguagem comum, ajuda a entender muito bem o significado pedagógico do termo. Oficina é uma palavra usada para indicar um lugar onde se trabalha, elabora e transforma algo a ser usado. Aplicado à pedagogia, o escopo é o mesmo: é uma maneira de ensinar e, especialmente para aprender, fazendo "alguma coisa", que é realizado em conjunto. É um aprendizado em grupo. Este é o aspecto substancial de uma oficina.

No mesmo sentido que o Ander-Egg, as autoras Vieira e Volquind, definem o sentido de uma oficina voltada para uma linguagem pedagógica, afirmando; “Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina necessita promover a investigação, a ação, a reflexão”. (1996, p. 11). Ainda ressaltando que:

As propostas de oficinas de ensino para ser séria, gratificante e inovadora necessita criar um espaço para vivência, a reflexão e a construção de conhecimentos. Não é somente um lugar para aprender fazendo; supõe, principalmente, o pensar, o sentir, o intercâmbio de ideias, a problematização, o jogo, a investigação, a descoberta e a cooperação (VIEIRA;VOLQUIND, 1996, p. 12).

As autoras ainda esclarecem que uma oficina de ensino se caracteriza pela integração de três instâncias que possibilitam aos educandos uma forma dinâmica de aprendizado. Conforme a imagem abaixo:

Imagem 1: Instâncias



Fonte: VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como? 4.ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

Ao equilibrar essas três instâncias haverá a promoção de teoria x prática. Sendo assim, “Nas oficinas a primazia sempre é da ação, mas não se desmerece a teoria. (...) Em uma oficina de ensino, a teoria surge com uma necessidade de esclarecer a prática” (VIEIRA;VOLQUIND,1996, p. 12). Nesse sentido, de acordo com as autoras, o teórico e prático se entrosam, estimulando de forma ativa o processo de aprendizado, para além de um espaço alternativo de aprendizagem.

Diante dessas reflexões, podemos inferir que as características desse modo de ensino (ação, reflexão, integração e prática) podem auxiliar no desenvolvimento pedagógico das oficinas de Artes Visuais. Com a aplicação delas em ONGs e regiões de baixa renda, é possível iniciar uma pedagogia social como estratégia de ensino. Tais fatores permitem que o educando amplie seus conhecimentos de forma ativa fora do âmbito escolar.

2.3 O projeto oficinas Arte Expande

O produto Oficinas Arte Expande é fruto de uma pesquisa sobre a importância do ensino das Artes Visuais para sociedade, assim como sua relevância no desenvolvimento social do indivíduo. O projeto educacional tem como meta concentrar-se em locais de baixa renda, especificamente na Baixada Fluminense. Como refletido na pesquisa, a arte em geral é um instrumento educacional relevante para a socialização do homem, pois por meio da fruição e prática da arte é possível educar, de forma analítica, o olhar daqueles envolvidos no processo. E, com isso, buscando por intermédio dessa vivência, instigar o homem a se desenvolver de forma consciente, sensível e crítica. Sendo ele, nesse sentido, capaz de questionar a realidade da social que o mesmo está inserido.

O trabalho teve como referência um questionamento pessoal, no qual a autora esteve inserida quando mais jovem. Oriunda da área em questão, ela participou de diversas atividades artísticas realizadas tanto na escola quanto no centro comunitário do bairro e ONGs diversas.

Dentre essas, a mais marcante foi a participação no projeto Ação pela Cidadania criado pelo sociólogo Betinho de Souza. Tal vivência possibilitou uma ampliação das referências da pesquisadora, as quais não foram substituídas, e sim, expandidas. A autora participou de diversas experimentações que envolviam música, dança e artes plásticas, dessa maneira, ela pode afirmar que tais possibilidades permitiram que o repertório crítico-intelectual dela fosse acrescido, sem que ela ignorasse as próprias raízes.

Pensando na questão central, as oficinas foram elaboradas com o intuito de desenvolver o senso crítico, a motivação pessoal e a construção de novos saberes que agregam ao vocabulário artístico dos participantes. Todas as oficinas criadas para o projeto têm como ponto central gerar os seguintes questionamentos: O que é arte? Você gosta de arte? Através da arte contamos histórias? Arte tem algum sentido? Transmite sentimentos? Onde você acha que está a arte no seu cotidiano? Qual a relação entre arte e cultura?

Os temas foram pensados de acordo com dados socioeconômicos pesquisados sobre a Baixada e as experiências pessoais da autora enquanto moradora e professora de artes em

escolas da região. Portanto, as temáticas visam o crescimento pessoal e social dos envolvidos no produto, a fim de proporcionar uma troca entre educadores e educandos e abordar, nas oficinas, questões inerentes aos seus cotidianos.

As propostas educativas incluem diferentes formas de linguagens, como as artes plásticas, a literatura, a fotografia e a dança (vide apêndice). É válido ressaltar que ainda existe a possibilidade de inserção de novas expressões artísticas que ampliariam a área de atuação de acordo com as possibilidades.

O intuito é realizar o trabalho em locais públicos, como centros comunitários, ONGs, orfanatos, casas de recuperação, entre outros. Cada atividade será pensada de acordo com a região, a acessibilidade, as questões financeiras e os possíveis problemas estruturais da localidade.

2.3.1 Metas a serem alcançadas

Com a aplicação do produto educacional – Oficinas Arte Expande – pretendemos alcançar as seguintes metas:

- A. Possibilitar aos moradores regiões da Baixada Fluminense o contato com diversas oficinas e diferentes linguagens artísticas;
- B. Dialogar sobre Artes Visuais, Cultura e sociedade;
- C. Pensar, por intermédio das linguagens artísticas, sobre o cotidiano que eles vivem e sobre suas experiências pessoais e em grupo;
- D. Estimular que os educandos, ao final do processo de ensino, reflitam sobre a realidade social que eles vivem e reconheçam seus valores culturais;
- E. Incentivar que os educandos continuem com o processo educativo mesmo após o término das oficinas. Propondo que eles construam uma rede de diálogo sobre arte, educação e cultura com os moradores da região.

F. Despertar a criatividade, a coordenação motora e a percepção visual a partir do fazer artístico.

2.4 - O lúdico, o motor, a criatividade e a percepção visual

Educar através da arte é possibilitar ao educando conhecer e refletir sobre o mundo de forma expressiva e sensível. O produto Oficinas Arte Expande se baseia nesta concepção, no sentido de educar por mediação da sensibilidade e criatividade, oferecendo práticas para fortalecer expressões individuais e coletivas. Como dito nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (1997, p.19).

Portanto, por meio da ludicidade, do trabalho motor, da criatividade, da percepção visual o indivíduo é capaz de absorver conhecimentos de forma afetiva, tanto do mundo que o cerca, como o conhecimento de si por intermédio do desenvolvimento do pensamento criativo. “Através da arte, o sujeito, tanto nas relações com o inconsciente, como nas relações com o outro, põe em jogo a ficção e a narrativa de si mesmo. Nisto reside o prazer da Arte” (BARBOSA, 2005, p. 292), acrescentando que:

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica e assim analisar a realidade percebida, pela criatividade, de modo a mudar de alguma forma a realidade que foi analisada.

Fundamentado nestas observações, consideramos que por meio das expressões artísticas e dos sentimentos que são gerados no processo de fruição da arte, é possível que o indivíduo tenha uma maior percepção da realidade na qual está inserido. O propósito do Oficinas Arte Expande não é substituir o cenário cultural do qual a pessoa é oriunda, e sim, fornecer ferramentas e repertório para uma maior compreensão do todo que a envolve e expandir de forma criativa o vocabulário estético.

2.4.1 O lúdico

O lúdico na educação tem como proposta ensinar por intermédio de atividades criativas como música, brincadeiras e jogos, sendo aplicável no ensino de artes de diversas formas e um dispositivo útil na práxis, como uma ferramenta utilizada na pedagogia para aumentar o foco dos alunos e desenvolver habilidades motoras e cognitivas. “O lúdico vem do latim *ludus*, que significa brincar. Neste brincar estão incluídos jogos, brinquedos e divertimento” (BROLESI; SILVA; STEINLE, 2015, p.21).

As autoras ainda afirmam:

O lúdico representa o processo de aprendizagem e descoberta do ser humano. A espontaneidade é o fator primordial para uma existência saudável, na qual o indivíduo amplia sua capacidade criadora, e um dos objetivos é criar situações de relaxamento, desenvolvendo sua liberdade de ação e atuação. (BROLESI; SILVA; STEINLE, 2015, p.21).

O lúdico é também uma forma de desenvolver conceitos já estabelecidos com a possibilidade de crescimento e evolução de tais noções, sempre aberto à experimentação e às adições. Assim como reflete Miranda sobre seu uso em atividades pedagógicas: “A atividade lúdica é um grande laboratório onde ocorrem experiências inteligentes e reflexivas. A experiência produz o conhecimento, portanto nos possibilita tornar concretos os conhecimentos adquiridos (MIRANDA, 2013, p. 24)

Assim, reafirmamos, pelas reflexões dos autores, a importância de pensar em ações que despertem no indivíduo seu potencial criador, produzindo um espaço lúdico para promoção de diálogos, novas experiências e atividades estratégicas que viabilizem a proposta pedagógica do produto.

Seguindo tal linha de pensamento, as oficinas do produto educacional têm como proposta o educar por meio de uma aprendizagem significativa, que visa absorver novos saberes através dos conhecimentos prévios de cada aluno. Tais conteúdos serão assimilados por meio do lúdico, da motricidade, das percepções visuais e da inventividade gerada por essas conexões, criando uma zona de emoções, sensações e buscando o prazer em aprender por meio das dinâmicas a serem realizadas durante o processo das atividades.

2.4.2 O desenvolvimento motor

O desenvolvimento motriz está relacionado diretamente com o fazer artístico, tanto no ato do fazer, como nas atitudes sensoriais geradas no processo de criar. Para as autoras Caetano, Gobb e Silveira, a definição de desenvolvimento motor:

O desenvolvimento motor é um processo de alterações no nível de funcionamento de um indivíduo, onde uma maior capacidade de controlar movimentos é adquirida ao longo do tempo. Esta contínua alteração no comportamento ocorre pela interação entre as exigências da tarefa (físicas e mecânicas), a biologia do indivíduo (hereditariedade, natureza e fatores intrínsecos, restrições estruturais e funcionais do indivíduo) e o ambiente (físico e socio-cultural, fatores de aprendizagem ou de experiência), caracterizando-se como um processo dinâmico no qual o comportamento motor surge das diversas restrições que rodeiam o comportamento. (2005, p. 6).

A arte possibilita, por meio de ações físicas e mecânicas, o desenvolvimento intelectual e o aumento da motricidade corporal. Compreendemos que a arte permite, pelas suas capacidades técnicas, reações perceptivas que implicam diretamente na produção dos sentidos, que influenciam as ações do indivíduo, inclusive na sua postura em sociedade. Como dito pela autora Godoy:

A motricidade é concebida como constituidora do homem. É pela ação motora, pela sua intervenção concreta na natureza e na sociedade que o homem se humaniza. Tal ação provoca o planejamento de outras ações, reestruturando os movimentos humanos. O elemento fundamental na relação dialética entre ação motora e reflexão é signo. Pela mediação do signo o movimento humano assume significado nas relações sociais. Este significado pode expressar-se nas artes como forma de veiculação de idéias presentes na cultura. (GODOY, 1999, p. 47).

Godoy, em suas reflexões sobre motricidade, sustenta o fato de que o organismo do ser humano se relaciona com o mundo de diversas formas, como exemplo, o movimento. A partir das expressões corporais do nosso corpo absorvemos algumas informações que nos levam a dar novos significados de determinadas ações.

Existindo, nesse processo, um padrão cultural de movimento, cada sociedade tem uma postura corporal diferenciada (GODOY, 1999, p.47). O que nos leva a pensar sobre a importância de reconhecer e desenvolver nossas ações corpóreas, para assim nos identificar com nossa comunidade.

Assim como Prosser reflete sobre nossas possibilidades motoras no ato de criar: “Por lidar com o fazer manual e corporal, desenvolve a coordenação motora, o conhecimento e o domínio do corpo, a sensibilidade e as possibilidades dos sentidos (especialmente tato, visão e

audição) e do movimento”. (2012, p. 14).

Portanto, seguindo como referências essas reflexões direcionadas ao produto educacional, o desenvolvimento motor será trabalhado com os educandos por meio do contato com diversas técnicas artísticas, isto é, pela ação física realizada nas dinâmicas práticas das atividades e nas relações com o próprio corpo e com os dos outros envolvidos. Essas conexões acontecerão devido ao ritmo e ao gestual realizado em cada ação das oficinas. Dessa forma, os participantes terão a oportunidade de ampliar os horizontes sobre as consciências corporais e possibilidades de expressões de cada um, por meio do fazer artístico.

2.4.3 A criatividade

A criatividade é algo inerente ao fazer artístico, uma característica significativa no processo de criação. Segundo os autores King e Schlicksupp :

Compreender a criatividade pode ser complexo e confuso e, portanto, as definições que lhe são atribuídas variam consideravelmente. Entretanto, há um consenso de que criatividade é a capacidade de as pessoas gerarem novos projetos, produtos ou idéias que, até o momento da geração, eram completamente desconhecidos do criador. Essas idéias podem ser resultado de pensamento imaginativo ou de uma combinação de pensamento e formação de novos padrões ou pode advir das experiências de um grupo. (KINGO;SCHLICKSURPP,1999, p. 11)

Entendemos, assim, que a criatividade é uma característica importante no ato de educar, tanto no sentido de pensar em metodológicas ativas, como no reflexo que essa dinâmica causa ao indivíduo, proporcionando, como dito pelos autores, que novas ideias possam surgir a partir da singularidade gerada pelo ato criativo.

Tal conceito é expandido por Prosser, que considera importante o processo de expressão artística e sua ligação com a criatividade:

Ainda sob o ponto de vista do mundo psicológico, o processo de expressão artística, por ser sempre criativo e trabalhar com julgamentos estéticos, com a apreciação, com a adequação do símbolo à mensagem, com o aprofundamento da percepção da realidade a ser reelaborada, amplia enormemente o universo de expressão da criança ou do adulto, a sua percepção, a sua sensibilidade e a sua criatividade. Ao realizar algo extremamente pessoal e, portanto, motivada pela própria necessidade de expressar-se, a pessoa trabalha também as suas capacidades de concentração, de construção do novo com início, meio e fim, a sua persistência e o seu senso estético. (PROSSER, 2012, p.14).

Seguindo essa afirmação da autora sobre o ato criativo e suas possibilidades de gerar julgamentos estéticos, motivados pela necessidade de expressão, entendemos como propósito

do Oficinas Arte Expande fomentar o exercício da criatividade tanto de forma individual como em grupo, por intermédio da visualidade, da construção das imagens e da materialidade nas atividades. E, a partir desse contato, possibilitar que o educando perceba o mundo por novas perspectivas, incentivando assim novas descobertas por meio da prática e da imaginação. De acordo com os PCNn de Arte (1997, p. 30):

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, idéias e sentimentos que se realizam como imagens internas, a partir da manipulação da linguagem. É essa capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir, abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata.

A partir desses conceitos, criamos as oficinas que serão realizadas no produto educacional. Focando na imaginação criadora que tornará possível a evolução sentimental e cognitiva de cada pessoa envolvida nas atividades.

2.4.4 A percepção visual

A percepção do indivíduo sobre o que ele cria, assim como o olhar do outro sobre a criação de alguém permite criticidade. Formas, cores, linhas, entre outros elementos visuais implicam em conceitos que permitem os estímulos cognitivos e sensoriais. Segundo Ramos, Lopes e Zago:

Para ARNHEIM (1998) a percepção visual é pensamento visual. O conjunto das operações cognitivas – do pensamento – não só é privilégio dos processos mentais, é também, ingrediente essencial da própria percepção. São elas: a exploração ativa, seleção, simplificação, abstração, análise, síntese, complemento, correção, comparação. Para os empiristas a sensação e percepção dependem das coisas exteriores. São causadas por estímulos externos que agem sobre nossos sentidos e sobre o nosso sistema nervoso. (LOPES;ZAGO, 2007, p.5).

Sendo assim, o pensamento visual e suas operações cognitivas permitem que o ser humano possa, a partir dessa visualidade, aguçar suas sensações em todos os sentidos do corpo. Como dito por Arnheim: “Tornando explícitas as categorias visuais, extraindo princípios subjacentes e mostrando relações estruturais em ação, esta inspeção no mecanismo formal visa não substituir a intuição espontânea, mas aguçar-la, sustentá-la, e tornar seus elementos comunicáveis”. (2005 p. 16).

Compreendemos, por intermédio dessas afirmações, que as oficinas elaboradas têm

como um dos focos principais propor uma experiência estética a partir de elementos visuais. Dessa forma, possibilitando que os educandos façam leituras das obras e, assim, possam refletir sobre suas criações e as do outro, pensando de forma sensível e crítica sobre os trabalhos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Artes (BRASIL, 1997, p.45): “Criar e perceber formas visuais implica trabalhar frequentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, equilíbrio, forma, linha, plano, cor, luz, movimento e ritmo”. Ao criar e identificar tais formas visuais no decorrer das oficinas, será possível perceber novas identificações pictóricas com o grupo, gerando diálogos durante as atividades e permitindo que seja possível continuar com o processo de criação pós atividade.

2.5 A questão do senso crítico

Paulo Freire (2019, p.32) traz a seguinte reflexão: “A consciência crítica (dizem) é anárquica”. O autor relata que, em um dos seus cursos, um aluno disse perante uma discussão sobre “Periculosidade da consciência crítica”: “Talvez seja eu, entre os senhores, o único de origem operária. Não posso dizer que haja entendido todas as palavras que foram ditas aqui, mas uma coisa posso afirmar: cheguei a esse curso *ingênuo* e, ao descobrir-me *ingênuo*, comecei a torna-me crítico”. (FREIRE, 2019, p.32).

Tais afirmações se relacionam com o foco do presente estudo, que busca através do ensino e da discussão de práticas artísticas agregar conhecimento aos indivíduos para uma maior percepção da realidade que os cerca.

Segundo Freire, é assim que surge o despertar do senso crítico no homem, na possibilidade de questionar suas atitudes e o mundo que o cerca. Freire ainda reitera sobre o processo o processo em questão:

Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si umas das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problemas a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas. (1997, p.39).

Compreendemos, a partir dessas ideias, o quanto o desenvolvimento e o exercício da criticidade proporcionam reflexão e autoconhecimento. Assim como argumenta Carraher: “Um indivíduo que possui a capacidade de analisar e discutir problemas inteligente e racionalmente, sem aceitar, de forma automática, suas próprias opiniões ou opiniões alheias, é um indivíduo dotado de senso crítico”. (CARRAHER, 1983, não paginado). O autor ainda demonstra as seguintes características gerais de um ser pensador, sendo elas (CARRAHER, 1983 não

paginado):

- a) uma atitude de constante curiosidade intelectual e questionamento;
- b) a habilidade de pensar logicamente;
- c) a habilidade de perceber a estrutura de argumentos em linguagem natural;
- d) a perspicácia, isto é, a tendência a perceber além do que é dito explicitamente, descobrindo as ideias subentendidas e subjacentes;
- e) consciência pragmática, um reconhecimento e apreciação dos usos práticos da linguagem como meio de realizar objetivos e influir sobre outros;
- f) uma distinção entre questões de fato, de valor e questões conceituais;
- g) a habilidade de penetrar até o cerne de um debate, avaliando a coerência de posições e levantando questões que possam esclarecer a problemática.

Baseado nas concepções citadas, podemos refletir sobre a Arte e suas possibilidades no ato de educar, pois o ensino da disciplina, de acordo com os PCNs, tem como um dos objetivos: “observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível”. (1997, p. 39). Sendo assim, a intenção é que o senso crítico do educando seja estimulado por meio do processo educativo e da relação do mesmo com o eu sensível.

A arte por meio de sua fruição e de seu campo de conhecimento propicia o desenvolvimento da psique humana. Barroco e Superti (1999) fazem uma reflexão sobre o tema:

A arte não altera apenas o humor imediato dos indivíduos, mas objetiva sentimentos e outras potencialidades humanas. Ela é capaz de provocar alterações no psiquismo dos sujeitos. Ela propicia-lhes nova organização psíquica, o que possibilita a cada um a elevação à condição de indivíduo particular, organismo até certo ponto simplista e fruto da evolução natural, à de gênero humano universal (...) Neste sentido, a arte pode ser entendida como produto cultural, mediador entre o indivíduo e o gênero humano. Ou seja, quem a produz nela cristaliza complexas atividades mentais, as quais podem ser apropriadas pelos demais seres humanos. (BARROCO E SUPERTI apud Vigotsk 2014, p, 23).

Outro ponto importante para refletir sobre o tema é levantado na Teoria de Contágio de Vigotski. O autor dialoga sobre a propagação de ideias e percepções por intermédio do fazer e do fruir artístico, deste modo, pensando como tal processo seria capaz de produzir o desenvolvimento psicológico do homem. Para o autor:

O milagre da arte lembra antes outro milagre do Evangelho - a transformação da água em vinho, e a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está contido. E este algo supera esses sentimentos, elimina esses sentimentos, transforma a sua água em vinho, e assim se realiza a mais importante missão da arte. A arte está para a vida como

o vinho para a uva - disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que não está nas propriedades desse material. (VIGOTSKI, 1999, p. 307-308).

Constatamos, a partir dessa afirmação, que a fruição da arte existe para além de uma transformação pessoal, com a possibilidade de construir algo socialmente. E assim permitindo ao indivíduo produzir novos saberes e a criação de novas conexões com o mundo. “Verifica-se deste modo, que o sentimento é inicialmente individual, e através da obra de arte torna-se social ou generaliza-se”. (VIGOTSKI, 1999, p. 308).

2.5.1 O senso crítico dentro do projeto oficinas arte expande

A partir das reflexões geradas na pesquisa do presente trabalho, entendemos a importância que o ensino das Artes possui como instrumento de crescimento crítico, e sua participação na construção da existência humana, ajudando a compreender a vida de forma sensível e viabilizando o potencial criador no homem. Como dito pela autora Ostrower (2019, p.132), o indivíduo criativo consegue modificar o seu entorno quando absorve os múltiplos aspectos da realidade – interna e externamente –, e dessa forma ele se torna mais questionador e coerente de suas escolhas, passando a ter um maior entendimento das suas vivências.

Partindo dessa premissa, o produto educacional Oficinas Arte Expande tem como principal intuito promover e incentivar o potencial criador dos envolvidos nas atividades, como refletido por Ostrower, permitindo nesse processo criar suas percepções estéticas e sua capacidade de refletir sobre as realidades sociais que os envolvem, contribuindo assim para trocas de conhecimento e identificações entre o grupo durante o processo de socialização nas atividades.

Além disso, a realização com vários participantes em atividades, baseadas em expressões artísticas, gera uma identificação para o grupo, pois os indivíduos passam a se enxergar uns nos outros, através da convivência e desenvolvendo respeito às diferenças entre eles.

Logo, o aluno que participa ativamente tem a possibilidade tanto de criar algo pessoal como de participar de um grupo, no qual os interesses e experiências são semelhantes, embora com diferentes vivências, que servirão para enriquecer as próprias visões de mundo. Essa concepção é reiterada por Prosser, que reflete:

Ao mesmo tempo em que é um fazer individual, a atividade artística proporciona vivências nas relações interpessoais pela prática em conjunto que

lhe é inerente. Do ponto de vista da vida em sociedade, o produzir em grupo, como acontece em vários meios artísticos, desencadeia a vivência da sociabilidade, do respeito, da crítica, da autocrítica, da tolerância, da cooperação, do domínio próprio, do reconhecimento de princípios éticos etc. (2012, p. 14-15).

Assim, tendo como base o argumento da autora, percebemos a importância dos relacionamentos interpessoais como combustível no ato de criar, além da possibilidade de fortalecer os laços entre os participantes, podendo contribuir na melhora do diálogo dos moradores da região, assim expandindo a perspectiva de pensamentos sobre como ela mesma se reconhece e suas percepções sobre o mundo.

Já na opinião de Carraher, observamos que durante uma atividade coletiva alguma perda será compensada pelo sentimento de pertencimento ao grupo, podendo criar uma maior identificação do indivíduo na comunidade onde está inserido, gerando engajamento no desenvolvimento social local. Ele afirma que:

Ao pensar como os outros, o indivíduo desenvolve afinidade com eles e se sente como um membro do grupo. O que se perde em seu senso crítico, em sua identidade pessoal, será compensado, até certo ponto, pelos benefícios que ele recebe como membro do grupo. (CARRAHER, 1986, p. 35).

Outro tópico que tem como proposta despertar o senso crítico dos envolvidos diz respeito aos temas das oficinas, pensados de forma estratégica para o fruir crítico do indivíduo. Utilizando-se de linguagens artísticas como ferramentas de conexão entre os temas a serem apresentados, sempre visando unir tais conceitos com o cotidiano dos alunos. Tendo como exemplos: questões sociais, memória afetiva, tradições, cultura local, identidade, futuro, inovação, entre outros, podem contribuir para gerar questionamentos individuais e coletivos que possibilitarão melhorias na realidade que os cerca.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o processo de pesquisa, compreendemos o quanto a arte se faz necessária na vida do Homem, pois o fazer artístico promove o senso crítico e libera o potencial criador que tornará possível um ser mais sensível e consciente de suas realidades.

Por intermédio de diversos autores que dissertaram a respeito do tema, sobre a importância do fazer artístico no desenvolvimento social do homem, desenvolvemos o produto educacional que compõe este trabalho de pesquisa.

Partindo do princípio de que a arte, em sua essência, é uma ferramenta de grande potencial educativo desde os primórdios até os dias atuais, notamos sua importância em uma sociedade em constantes transformações políticas e sociais. Assim, conclui-se que a matéria propicia aos envolvidos nesse processo de fruição o autoconhecimento e o poder de alimentar a criatividade, o que pode resultar tanto em continuidade do fazer artístico como contribuir para melhorar suas condições como cidadãos, desse jeito confirmando que o ser criativo é consciente e capaz de estimular a própria criticidade quando tal é motivada.

Outro ponto importante da pesquisa foi refletir sobre a questão do ensino da disciplina em locais de baixa renda, tendo como foco central a região da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, no sentido de pensar sobre a difusão da disciplina na região e quais benefícios ela proporciona aos envolvidos. Demonstrando, de acordo com a pesquisa apresentada pelo Mapeamento dos grupos Criativos, diversos coletivos que difundem propostas artísticas nesse território, como manifestações de danças, artes plásticas, cênicas, dentre outras atividades. Estes são movimentos que impactam de forma positiva o cotidiano dos envolvidos nos projetos e as comunidades nas quais estão inseridos. Tal levantamento também foi de suma importância para perceber a falta de políticas públicas para manter e divulgar esses projetos. O que fortalece a importância de realizar projetos educativos voltados para a região.

Para além dos resultados de pesquisa, apresentamos no trabalho o produto educacional fruto da pesquisa: Oficinas Arte Expande. Tendo como finalidade apresentar uma proposta educacional voltado para a Baixada Fluminense, percorrendo de forma itinerante diversos bairros da região. O produto tem como objetivo principal propiciar, por meio das atividades, possibilidades de diálogos entre os moradores da comunidade, levando as oficinas para diversos espaços, como ONGs e outros espaços públicos. Assim, colocando em prática o assunto principal da pesquisa: humanização e socialização por meio da arte.

REFERÊNCIAS:

ANASTASIOU, L.G.C; ALVES, L.P. Processos de Ensino na Universidade; Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5.ed. Joenville – SC: Unlville, 2009. ANDER-EGG, Ezequiel. El Taller Una Alternativa De Renovacion Pedagogic. 2.ed Argentina: Ed. Magisterio Del Rio De La Plata, 1991.

ARNHEIM, Rodolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. Nova versão. São Paulo: Pioneira Thonsom Learning, 2005.

BARBOSA, A. M *et al.* Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____. Educação e Realidade - Depoimento. São Paulo: UFRGS, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/12478/7395> Acesso em: 20 de abril de 2020.

_____. Processo Civilizatório e Reconstrução social através da Artes. *In:* XII Simpósio Internacional Processo Civilizador. Recife, 2009. Disponível em: http://www.uel.br/grupostudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Barbosa.pdf . Acesso: 11 de outubro de 2019.

_____. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte,1998.

BARROCO, S.M.S; SUPERTI, T. Vigotski e o Estudo da Psicologia da Arte: Contribuições para o desenvolvimento Humano. Paraná: Scielo, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf> . Acesso em: 20 de abril de 2020.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf . Acesso em: 10 de outubro. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1997. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> . Acesso em: 12 de fevereiro. 2020
BROLESKI, M. L.; STEINLE, B. C. M; SILVA. O. P. L. S. Jogos, Brinquedos e Brincadeiras. :
Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2015.

CAETANO, M.J.D; SILVEIRA, C.R.A; GOBBIL, L.T.B. Desenvolvimento motor de pré-
escolares no intervalo de 13 meses. São Paulo: Revista Brasileira de Cineantropometria &
Desempenho Humano, 2005. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/3791> . Acesso: 15 de abril de 2020.

CANCLINI, Néstor García. A socialização da arte: teoria e prática na América Latina. São
Paulo: Cultrix, 1980.

CANO, Agustín. La metodología de taller en los procesos de educación popular. Uruguay:
Revista Latinoamericana de Metodología De Las Ciencias Sociales, 2012.

CARRAHER, D. W. Senso crítico: do dia-a-dia às ciências humanas. São Paulo: Pioneira, 1986.

CASA DA CULTURA. Disponível em: <https://casadaculturabaixada.org.br/> Acesso em 17 de
junho de 2020.

CENTRO DE ARTE E CULTURA. Rio de Janeiro, 30 de abril. 2018. FACEBOOK.
Disponível em: https://www.facebook.com/cac.rural/?ref=page_internal Acesso em 17 de
junho de 2020.

CULTURANDO, Canal. Descubra: Centro Cultural Donana. Youtube. 10 de agost. 2016.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PHYAhUvMADs&t=499s>. Acesso em 15
de junho de 2020.

DIAS, Adriano. Entrevista com Adriano Dias na #ComCausa. Youtube, 5 de jan. 2015.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jCHMbjC8NkA&t=3595s> Acesso em 17
de junho de 2020.

ENRAIZADOS. Disponível em: <http://www.enraizados.org.br/quemsomos/> . Acesso em 18 de
junho de 2020.

EXPANDIR. *IV*: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: PRIBERAM. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/EXPANDE>. Acesso em: 12 de junho de 2020.

FARTHING, Sthephen. Tudo Sobre Arte: Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. trad. Paulo Polzonoff. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FISCHER, ERNST. A Necessidade da Arte. trad. Leandro Konder. 9.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 70.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

IBASE. Mapeamento dos Grupos Criativos da Baixada Fluminense. Rio Janeiro: IBASE, 2015. Disponível em: <https://ibase.br/pt/midioteca/publicacoes/publicacoes/> . Acesso em: 12 de outubro de 2019.

KOSIC, K. Dialética do concreto. trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

KING, Bob; SCHLICKSUPP, Dr Helmut. Criatividade uma vantagem competitiva. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

LOPES, V.F.M; RAMOS, E,M; ZAGO, R.S.B. Forma e percepção visual. Paraná, GRAPHICA, 2007. Disponível em: http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/FORMA%20E%20PERCEPCAO%20VISUAL.pdf . Acesso em: 15 de abril de 2020.

NASCIMENTO, R.M.P. Arte-educação nos Contextos de Periferias Urbanas: Um desafio social. São Paulo: PUC SP, 2010.

MIRANDA, Simão. Oficinas de Ludicidade na Escola. 1.ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2013.

ONU. Assembleia Geral da ONU (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos. (217A). Paris. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf> .

Acesso em: 12 de outubro 2019.

OSTROWER; Fayga. Criatividade e Processos de Criação. 30.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

PROSSER, E.S. Ensino de Artes. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2012.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como? 4.ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

VIGOTSKI, L.S. Psicologia da Arte.trad. Paulo Bezerra. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICE A – O PRODUTO EDUCACIONAL

Tatiane Silvana dos Santos

Oficinas
Arte
Expande



Rio de Janeiro
2020

RESUMO

O presente produto educacional nasce da seguinte reflexão: Arte Expande. No sentido próprio da palavra expandir, e refletindo no fato de que, ao se conectar com as Artes Visuais, o ser humano amplia seus pensamentos, gerando questionamento sobre si, do outro e da vida, expandindo o seu senso crítico e sua forma de enxergar o mundo em que ele vive. Oficinas Arte Expande é composto por seis oficinas na área de Artes Visuais e suas respectivas linguagens. O objetivo do produto é divulgar, criar e debater com moradores de municípios da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro sobre as manifestações culturais existentes em seus cotidianos, e assim, gerar possibilidades de experimentações e produções artísticas na região que os mesmos estão inseridos. Além disso, as oficinas têm a intenção de colaborar na ampliação de horizontes dos educandos, e terão como base a relação entre teoria e prática, sempre respeitando as individualidades e as identidades culturais dos alunos.

Palavras-chave: Arte Expande. Artes Visuais. Baixada Fluminense.

Arte Expande

A arte explica a vida de uma forma encantadora, em um processo que envolve ludicidade e percepções sensoriais. Ela está presente em todos os lugares, não somente nos museus e galerias, ela está no nosso cotidiano, na cidade, nas ruas, nos sons, na expressão do corpo, nos cheiros e em tudo que desperte os elementos do nosso ser sensível.

O referido produto, para além das questões já citadas, tem como influência as experiências pessoais da autora do projeto, oriunda da região, e que durante a infância participou de diversos projetos educacionais realizados na Baixada. Tais atividades foram essenciais para formação de sua cidadania e na construção de sua carreira profissional voltada para a arte-educação, além de reforçar sua identificação com a referida área do estado do Rio de Janeiro.

Aqui apresentamos o resultado final do processo de desenvolvimento do produto educacional, seus respectivos objetivos, metodologias e propostas pedagógicas.

Objetivos:

- Enfatizar a importância das Artes Visuais no cotidiano dos indivíduos (adultos, crianças, idosos).
- Ampliar o contato com diversas linguagens artísticas (desenho, pintura, dança, música, fotografia, entre outras).
- Aplicar atividades práticas e lúdicas que possibilitem desenvolver o aspecto motor e o impulso criativo.
- Identificar e solucionar os problemas gerados durante o processo de fruição nas atividades;
- Citar, durante as oficinas, artistas nacionais (com foco em artistas da região) e internacionais para que os envolvidos possam ampliar seus repertórios estéticos e culturais.
- Expandir o senso crítico do indivíduo por meio dos questionamentos gerados durante o processo artístico.

Metodologias:

As oficinas serão expositivas e dialógicas, exercendo o diálogo entre o educador e o grupo. Apresentando de forma breve o processo teórico de cada manifestação artística e utilizando imagens impressas (ou de livros) para exemplificar os conteúdos das atividades.

Após o momento de introdução sobre o tema, iniciar o processo prático. A praticidade é o foco das atividades, o educar por meio da ação.

Ao final de cada oficina propor uma roda de conversa para dialogar sobre as experiências criadas durante o processo de criação.

Propostas de atividades:

OFICINA PEDAGÓGICA 1

Poesia e desenho: um Diálogo entre Linguagens

APRESENTAÇÃO

A oficina tem como proposta criar um diálogo entre poesia e desenho, abordando, a partir dessas linguagens, os aspectos técnicos e históricos de cada expressão artística, ao introduzir o conceito de poesia visual e de produções literárias que dialogam com os conceitos visuais em suas composições.

Conceito de poesia, desenho e poesia visual:

Antes de pensar em poesia visual, faz-se necessário pensar separadamente no conceito de poesia e do desenho, e de que forma essas linguagens se conectam com o conceito e na construção de uma composição poética.

A poesia de acordo com o dicionário da Língua Portuguesa, significa: arte de compor através de versos; modo de expressão artística caracterizada pelo uso de regras, de sons ou de estruturas sintáticas específicas. Partindo dessa afirmação, a poesia pode estar presente não somente nos poemas, mas em diversas formas de expressão: como o ato de desenhar, de cantar e de interpretar. A linguagem é usada para expressar algo de forma lúdica, provocando diversas percepções e sensações dos que a fruem. Entre alguns dos seus principais estilos encontram-se a: poesia lírica, a épica e a dramática.

Já o desenho existe desde a pré-história, quando os homens rabiscavam as paredes das cavernas, usando como forma de expressão e comunicação, pois ainda não existia um código verbal. Era por meio dessas formas nas paredes das cavernas que o homem criava sua memória e contava sua história.

O desenho está ligado com o ato de criar por meio da sensibilidade, sendo usado em diversas áreas, não somente nas artes visuais. Está na arquitetura, na engenharia e em outras áreas do fazer, servindo para colocar ideias em visualidade, expressando pensamentos tanto artisticamente como de forma pragmática. Essa forma de expressão pode ser figurativa (reproduzem a aparência de uma forma realista) ou abstrata (que não tem uma forma definida, composta, por exemplo, com formas geométricas). Também existem diversas formas desse

fazer como: desenho de memória, desenho de observação e de criação.

Com isso, tanto a poesia quando o desenho se utiliza de signos preestabelecidos na cultura na qual foram concebidos de forma abstrata com a finalidade de compor uma mensagem a ser decodificada pelo indivíduo que a frui, podendo ser aberta às diversas interpretações de acordo com as vivências da pessoa em questão.

É comum associar a poesia visual ao movimento do concretismo, que foi criado em São Paulo em 1958, porém, na realidade, a poesia visual surgiu no Ocidente há 300 anos antes de Cristo, na Alexandria. Trata-se da junção entre estas duas linguagens: a verbal e a não-verbal (escrita e imagem). A combinação resulta em poesias que são compostas por palavras experimentações visuais, ou seja, um trabalho que mescla forma e conteúdo. A leitura do poema é feita a partir do complemento dos signos verbais e visuais, trabalhando as características plásticas da escrita em conjunto com a expressividade das formas.

OBJETIVOS

- Apresentar os conceitos históricos e técnicos da poesia e do desenho.
- Introduzir o conceito de poesia visual.
- Apresentar poetas oriundos da região da Baixada Fluminense, como exemplos: Moduam Matus e Lirian Tabosa, entre outros poetas nacionais.
- Exercitar a criatividade e a sensibilidade dos participantes por meio da criação dos poemas visuais.
- Ampliar o repertório literário e estético.
- Proporcionar o diálogo entre os participantes, desenvolvendo o senso crítico de cada um.

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

A oficina terá a duração de 2h, que serão divididas entre teoria e prática. Sendo organizadas nos procedimentos:

PRIMEIRO MOMENTO – Vamos conversar? Tempo total: 30min.

SEGUNDO MOMENTO – Vamos criar? 1h.

TERCEIRO MOMENTO – Vamos refletir? 30min.

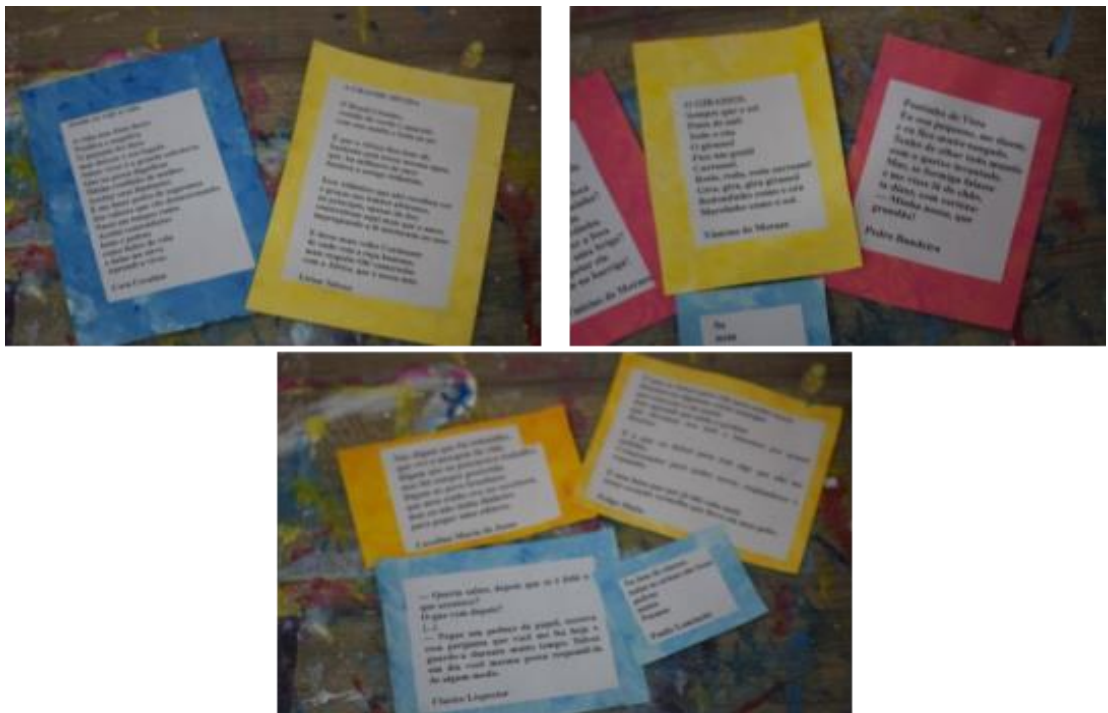
PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A oficina será realizada de acordo com os seguintes procedimentos:

PRIMEIRO MOMENTO – Vamos conversar?

Iniciar com uma roda de conversa, será um momento de apresentação entre o educador e os participantes. O momento inicial é importante para gerar conexões entre o grupo. Em seguida, introduzir o tema da oficina, permitindo que os participantes possam gerar perguntas e respostas sobre o tema. Sugestões de perguntas para o educador: vocês sabem o que é uma poesia? Gostam de poesia? E desenho, alguém gosta de desenhar? Apresentar, de forma breve, os conceitos teóricos e técnicos da poesia e do desenho. Com os recursos pedagógicos, fazer leituras de poesias, utilizando livros e os cartões criados previamente com poesias de diversos autores, inclusive autores da região da Baixada.

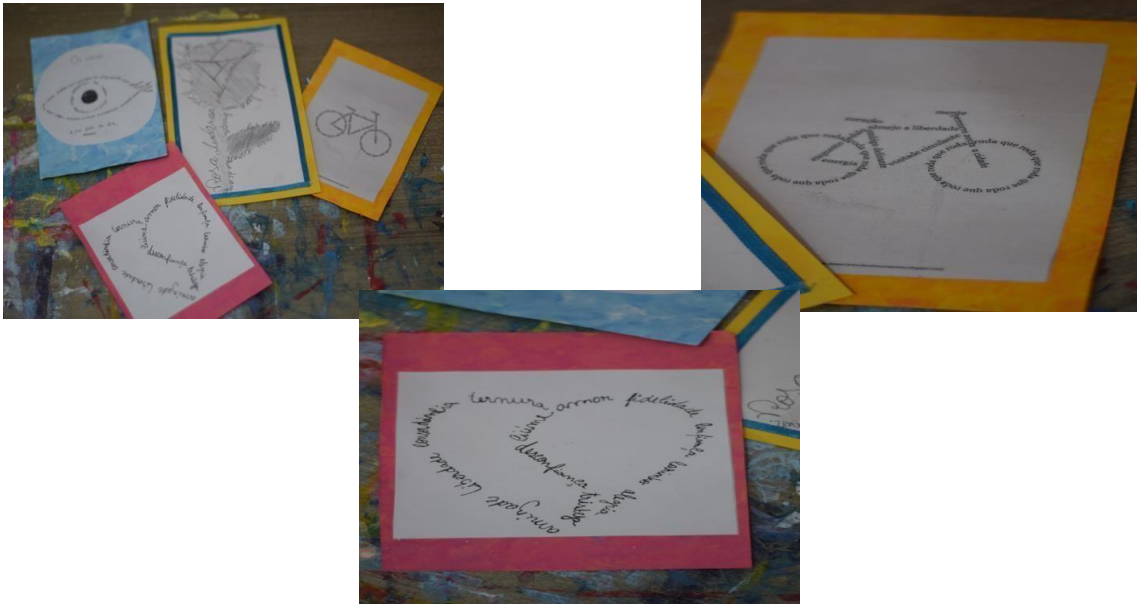
Figuras 2, 3 e 4 – poemas



Fonte: acervo pessoal, 2019

Mostrar exemplos de poesias visuais, utilizando os cartões como suportes pedagógicos.

Figuras 5, 6, 7 – Poesias visuais



Fonte: acervo pessoal, 2019

Expor trabalhos que foram realizados por outras pessoas para estimular o senso criativo.

Ilustrações: 1, 2, 3 e 4



Fonte: acervo pessoal, 2019

SEGUNDO MOMENTO – Vamos criar?

Após o momento inicial, propor uma atividade prática para a imersão do tema. Explicar para o grupo qual será o propósito, instruir sobre os conceitos técnicos da proposta prática e lembrar de alguns exemplos que foram apresentados.

Distribuir entre os participantes diversos pedaços de papéis e pedir para que cada um sintetize em até três palavras os sentimentos que os afetam em relação ao cotidiano deles, e palavras que remetam suas vivências pessoais.

Pedir para cada participante colocar as palavras dentro de uma caixa, denominada Caixa poética. Tais palavras serão utilizadas na composição dos poemas visuais.

Imagem 8 - Caixa poética



Fonte: acervo pessoal, 2019

Com o auxílio do educador, cada participante irá retirar uma palavra (no máximo três) da Caixa poética para compor sua poesia visual. Durante o momento de criação, dialogar com alunos sobre o processo de criação, tirando dúvidas e trazendo inspirações

TERCEIRO MOMENTO – Vamos refletir?

o final da atividade prática, propor um momento de reflexão sobre o tema da oficina e as experiências que foram realizadas durante o fazer artístico. Pensar nos resultados que foram gerados, se eles se identificam com suas composições, o que elas representam para si. Trazer novos questionamentos e permitir que o grupo comente o trabalho uns dos outros, incentivando, assim, o diálogo entre os participantes.

Observação:

A oficina poderá ser ajustada de acordo com o público-alvo, adaptando o discurso da oficina e os recursos pedagógicos. Por exemplo: se a oficina tiver como proposta atender apenas crianças, selecionar poesias que se relacionem com elas. Os cartões que foram criados para a atividade têm como tema poesias de conteúdo adulto e outros voltados para crianças, ou seja, o educador deverá fazer suas adaptações de acordo com as características de cada grupo. pedagógicos.

Materiais para realização da oficina prática: tinta, giz de cera, lápis de cor, pincel, lápis 2b, papel A4, caixa poética, cartões com poesias, livros de poesias.

Referências de estudo para o educador:

BACELAR, Jorge. Poesia Visual. Universidade da Beira Interior. Portugal, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar-jorge-poesia-visual.pdf>. Acesso: 12 de junho de 2020.

XAVIER, H. P. A evolução da poesia visual: da Grécia Antiga aos infopoemas. Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65551>. Acesso em: 13 de junho de 2020.

MAPADE CULTURA. Liriam Tabosa. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/lirian-tabosa> . Acesso: 11 de junho de 2020.

MODUAM MATUS. <https://moduanmatus.blogspot.com/>. Acesso: 11 de junho de 2020.

OFICINA PEDAGÓGICA 2

O movimento do Passinho Carioca

APRESENTAÇÃO

A oficina terá como proposta apresentar a dança do Passinho, movimento que surgiu nos bailes funk e nas ruas de comunidades do Rio de Janeiro, demonstrando um forte apelo social em seu contexto histórico. A oficina proporcionará aos participantes uma imersão no estilo por meio da história e prática.

O movimento do Passinho Carioca

O termo “passinho” surgiu em meados dos anos 2000 em comunidades cariocas, e começou a ser usado por diversos grupos de dança, notadamente do funk. O movimento é uma mistura de estilo que vai desde o funk, charme, break, frevo, entre outros estilos musicais. No ano de 2017, o passinho foi declarado pelo projeto de lei Nº 390/2017, como patrimônio cultural do Rio de Janeiro.

Suas principais características técnicas são a ação rápida dos pés, que por meio da improvisação criam movimentos únicos e inesperados, olhando sempre fixamente para os pés, marca do estilo. O Passinho possui diversos passos nomenclaturados, como exemplo o “rabisco”, “cruzada”, “sabará”, entre outros passos básicos.

Para além de um estilo de dança único, o estilo ganha espaço no contexto social. Possibilitando aos participantes se expressar por meio da arte, gerando crescimento pessoal e senso crítico.

OBJETIVOS

- Apresentar aos participantes o movimento do Passinho, sua história e seus fundamentos técnicos.

- Possibilitar o conhecimento de ritmo, a experimentação do corpo e a criação de novos movimentos por meio da improvisação.
- Reconhecer e formular os traços motores comuns do movimento do Passinho.
- Valorizar a identidade cultural dos participantes.

ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE

A oficina terá a duração de 2h40min, que serão divididas entre teoria e prática. Sendo organizadas nos procedimentos:

PRIMEIRO MOMENTO – Vamos conversar? 20min.

SEGUNDO MOMENTO – O que é Passinho? Vamos praticar? 2h

TERCEIRO MOMENTO – Vamos refletir? 20min.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A oficina será realizada de acordo com os seguintes procedimentos:

PRIMEIRO MOMENTO – Vamos conversar?

Diálogo inicial entre educadores e participantes da oficina. Momento de apresentações pessoais. Perguntar aos participantes o motivo de escolherem a oficina para participar, assim possibilitando um contato afetivo com os envolvidos.

SEGUNDO MOMENTO – O que é Passinho? Vamos praticar?

Neste momento, o educador (ou educadores) apresentará de forma breve o contexto histórico do movimento do Passinho, suas características técnicas e referências de grupos, como exemplos: Dream Team do Passinho e Imperadores da Dança

Relacionar o estilo de dança com o cotidiano social deles. Perguntando se eles conhecem o funk, break e outros estilos de dança.

Após o momento de diálogo e apresentação histórica do Passinho, o educador fará uma apresentação de dança para que os participantes possam conhecer seus principais movimentos. Em seguida, o educador proporá que os participantes façam uma experimentação corporal em grupo. Nessa etapa, os participantes terão a oportunidade de vivenciar de forma prática o Passinho.

TERCEIRO MOMENTO – Vamos refletir?

Momento de dialogar sobre o processo de fruição na oficina. Perguntar ao grupo como foi passar pela experiência e de que forma ela agrega ao cotidiano deles

Observação:

A oficina poderá ser ajustada de acordo com o público-alvo, adaptando o discurso da oficina e os recursos pedagógicos, tais como conteúdo musical e nível de dificuldade dos passos.

Materiais para realização da oficina: caixa de som, pendrive com músicas.

Referências de estudo para o educador:

LACERDA, Vinícius. Mais que uma dança, entenda o “Passinho”. O tempo, 2014. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/mais-que-uma-danca-entenda-o-passinho-1.893296> . Acesso em: 13 de junho de 2020.

NAÇÕES UNIDAS. Passinho é reconhecido como patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Nações Unidas Brasil, 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/passinho-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-rio-de-janeiro/> . Acesso em: 13 de junho de 2020.

KONDIZILLA, Portal. Como dançar o Passinho Carioca. Youtube. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_mmDBCQIwY . Acesso em: 13 de junho de 2020.

OFICINA PEDAGÓGICA 3

Fotografia digital – Um olhar Afetivo do cotidiano: o que os olhos veem?

APRESENTAÇÃO

A oficina “Fotografia digital – um olhar afetivo do cotidiano: o que os olhos veem?” terá o intuito de apresentar os conceitos técnicos e históricos da fotografia. Para além desses conceitos, a oficina trabalhará o olhar sensível dos participantes, focando no registro de seus cotidianos. Por meio dessa fruição, eles serão convidados a pensar nas questões sociais e afetivas nas quais estão inseridos.

Fotografia e a era digital

Em uma era de avanços tecnológicos a fotografia digital vem sendo cada vez mais importante para a sociedade, principalmente no que diz respeito à memória. Nos dias atuais, é natural tirar fotos de câmeras e celulares para postar nas redes sociais, e com o desenvolvimento da tecnologia tornou-se possível captar fotos de ótima qualidade e com diversos efeitos.

A fotografia digital tem diversas possibilidades técnicas, algumas que eram específicas de câmeras profissionais, como uso do ISO, abertura do diafragma e escolhas de lentes específicas para cada momento. Para além das competências tecnológicas, tudo conta na hora de retratar uma imagem, o uso das cores, sombras, perspectivas, linhas e formas. Cada detalhe expressa um sentimento e um significado diferente.

Para entender melhor o uso da fotografia, precisamos olhar para o passado e verificar como a técnica se originou, pensando na sua importância para além dos conceitos estéticos e técnicos. É válido aqui pensar: antes de existir a fotografia, como será que os homens retratavam suas histórias? Era por meio da pintura, com o pincelar das cores que o artista capturava cada detalhe, e assim eram feitos os registros. Cada pincelada buscava registrar um momento.

Ter uma data exata como referência do início da fotografia não é uma tarefa fácil, visto que diversas experimentações foram realizadas até chegar ao que chamamos de fotografia. A “câmara escura”, por exemplo, é uma dessas experiências. De forma técnica, o objeto se trata de uma caixa escura com um furo pequeno na caixa, onde a luz entra e a imagem é projetada de forma invertida dentro da câmara. É o poder da luz, o princípio básico de uma fotografia. No século XIV Leonardo da Vinci já utilizava a câmara escura para auxiliar na criação de seus desenhos e pinturas, a partir da imagem capturada dentro da câmara escura o artista a reproduzia no papel, sendo mais fácil perceber os detalhes da forma por meio da captação da imagem. A primeira foto feita tem origem no ano de 1826, tirada pelo francês Joseph Niépce, que demorou por volta de oito horas para ser gravada em uma placa de metal. No ano de 1839 surge a primeira fotografia que aparece uma pessoa, tirada por Louis Daguerre, que trabalhou com Niépce em suas pesquisas e aperfeiçoamento da técnica. O que nos faz refletir que a fotografia não foi criada por apenas uma pessoa e sim por uma construção de ideias.

OBJETIVOS

- Apresentar o conceito histórico da fotografia e suas respectivas técnicas fotográficas.
- Introduzir o conceito de fotografia digital.
- Explorar possibilidades de criação por meio da fotografia digital, utilizando celulares para captação das imagens.
- Propor o exercício de captação de imagens com celulares, direcionando os envolvidos na oficina a fotografar algo que seja afetivo para eles, como uma fotografia de uma cena cotidiana ou um objeto.
- Refletir sobre o cotidiano e vivências dos participantes por meio das imagens fotográficas que serão captadas.

ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE

A oficina terá a duração de 2h, que serão divididas entre teoria e prática. Sendo organizadas nos procedimentos:

PRIMEIRA AULA – O que é fotografia? 1h. Atividade prática: 1 h.

SEGUNDA AULA – Acolhimento do grupo: 30 min. Atividade prática: 1 h e 30 min.

TERCEIRA AULA – Imagens, sentimentos e o cotidiano: 2h.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A oficina será realizada de acordo com os seguintes procedimentos:

PRIMEIRA AULA – O que é fotografia?

Apresentação do grupo e contexto histórico:

Iniciar com um momento de apresentação entre os educadores e os participantes. Introduzir o contexto histórico da fotografia, suas possibilidades técnicas e o termo fotografia digital.

Mostrar imagens de uma câmera escura e das fotografias de Niépce e Daguerre. Apresentar artistas que trabalham com esta linguagem e com fotografias de apelo social, tais como: Ração Diniz e Fábio Caffé.

Atividade prática:

Após apresentar os conceitos teóricos, fazer um exercício prático para entender melhor o conceito da oficina.

Pedir para cada participante retirar uma palavra de uma caixa chama de “caixa das experimentações”, como, por exemplo: amor, vida, família, laços, amizade, paixão, afeto, liberdade, entre outras.

Figura 9 – Caixa das experimentações



Fonte: acervo pessoal, 2019

O educador pedirá aos alunos refletirem sobre essas palavras, perguntar como essas palavras se relacionam com suas vivências pessoais e seus cotidianos.

Pedir para que cada um represente, por meio de desenho ou colagem, o significado da palavra que foi retirada da caixa. Exemplo: retirou a palavra “luta” e a partir dela criar o trabalho artístico.

Exemplos de criações:

Ilustrações 5 e 6 - Criações



Fonte: acervo pessoal. 2019

No final, será realizada uma imersão nos trabalhos, com o objetivo de pensar nas formas nas quais elas poderiam ser retratadas em uma fotografia, em uma única imagem.

Materiais para realização da aula: fotografias, papel, revistas, jornais, cola, lápis de cor, giz de cera, tinta guache, pincel.

SEGUNDA AULA – Imagens retratam sentimentos?

Acolhimento do grupo

Iniciar com um acolhimento do grupo e relembrar os conceitos sobre fotografia que foram apresentados na aula anterior.

Propor uma atividade prática para exercitar o fazer fotográfico a partir dos trabalhos artísticos que foram feitos na aula anterior.

Atividade prática:

Os participantes terão como proposta analisar as palavras e os desenhos e, a partir disso, pensar em uma forma de representar o que eles produziram em uma fotografia. Utilizando um aparelho celular, os alunos irão retratar imagens, cenas, objetos. Caso o aluno não tenha um aparelho, o celular do educador será usado como recurso.

Ao final da aula, será solicitado que os alunos enviem as imagens ao professor para que possam ser reveladas e utilizadas na próxima aula.

Exemplos de fotografias e a a partir das palavras “prazer” e “liberdade”

Figuras 10 e 11 - fotografias



Fonte: acervo pessoal, 2019

Materiais para realização da aula: trabalhos artísticos, imagens de fotografias dos alunos e celulares.

TERCEIRA AULA: Imagens, sentimentos e o cotidiano.

Na última aula, as fotografias dos alunos serão exibidas como em uma exposição de arte. A partir dessa mostra, o educador fomentará uma conversa mediada com os alunos sobre a experiência de retratar algo afetivo do seu cotidiano, com o intuito de promover a reflexão sobre a maneira na qual eles representaram esse sentimento. Para além da afetividade, precisarão pensar, também, na técnica que eles usaram para retratar suas fotografias, como, por exemplo: sombra, corte, luz, perspectiva.

Observação:

A oficina poderá ser ajustada de acordo com o público-alvo, adaptando o discurso da oficina e os recursos pedagógicos.

Materiais para realização da aula: trabalhos artísticos produzidos pelos alunos, aparelho celular.

Referências de estudo para o educador:

SALLES, Filipe. Breve História da fotografia. Miniweb, 2014. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/artes/artigos/Hist%F3ria_fotografia.pdf . Acesso em: 10 de julho de 2020.

FOTOGRAFIA MAIS. História completa da fotografia. Fotografia mais, 2017. Disponível em: <https://fotografiamais.com.br/historia-completa-da-fotografia/> . Acesso em: 10 de julho de 2020..

FÁBIO CAFFÉ FOTOGRAFIA. Disponível: <https://fabiocaffe.46graus.com/> . Acesso em: 10 de julho de 2020.

RATÃO DINIZ. Disponível em: <https://rataodiniz.46graus.com/> . Acesso em: 10 de julho de 2020.

OFICINA PEDAGÓGICA 4

Brincadeiras populares – um Resgate as Brincadeiras tradicionais

APRESENTAÇÃO

O advento da tecnologia trouxe muitas vantagens ao nosso cotidiano. Hoje podemos conhecer o mundo por meio de uma pesquisa no celular: imagens, fotos e histórias, tudo ao alcance das nossas mãos sem precisar sair de casa.

O ato de brincar, no que se diz respeito a ação do corpo, vem perdendo espaço para os jogos de celulares, canais no Youtube e aplicativos. Cabe ressaltar não ser uma crítica ao uso da tecnologia, apenas uma reflexão sobre o avanço da tecnologia e as formas de brincar na atualidade, visto que, no passado, essas atividades eram realizadas de formas mais ativas e se perderam com o uso da tecnologia.

A oficina “Brincadeiras populares – um resgate as brincadeiras tradicionais” tem como finalidade apresentar aos participantes diversas atividades, como: amarelinha, bola de meia, estátua, telefone sem fio, arremesso do bambolê, entre outras. A partir dessa imersão, o valor cultural das brincadeiras tradicionais será valorizado oportunizando a sensibilização do corpo por meio da ludicidade de brincadeiras práticas.

OBJETIVOS

- Apresentar algumas brincadeiras populares, focando na memória afetiva dos participantes.
- Promover a interação social entre os participantes por meio da experimentação das brincadeiras populares.
- Reconhecer o valor das brincadeiras tradicionais como elemento cultural
- Desenvolver, durante o processo da atividade, a sensibilização dos sentidos, tais como os aspectos motores e os cognitivos.

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

A oficina terá a duração de 2h40min, que serão divididas entre teoria e prática. Sendo organizadas nos procedimentos:

PRIMEIRO MOMENTO –Apresentação do grupo: o que são brincadeiras populares? 40 minutos

SEGUNDO MOMENTO – Brincadeiras populares 1h.

TERCEIRO MOMENTO – Memórias: cultura, infância, cotidiano 1h.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A oficina será realizada de acordo com os seguintes procedimentos:

PRIMEIRO MOMENTO – Apresentação do grupo: o que são brincadeiras populares?

Pedir para que os participantes sentem no chão e se organizem em uma roda. Momento de apresentações pessoais, de conhecer um pouco cada uma.

Explicar o tema da oficina e introduzir o conceito de brincadeiras populares, mostrando imagens das obras de artistas plásticos que trabalham com essa temática, como Cândido Portinari e Ivan Cruz.

Perguntar se eles gostam de brincar, quais brincadeiras preferem e se conhecem alguma brincadeira popular. Dessa forma, incentivando a aproximação entre os participantes nas brincadeiras.

SEGUNDO MOMENTO – (oficina) – Brincadeiras populares

Em um espaço aberto, propor que os alunos entrem em contato com algumas brincadeiras populares, como: bola de meia, estátua, adoleta, telefone sem fio, amarelinha, arremesso do bambolê, passa anel.

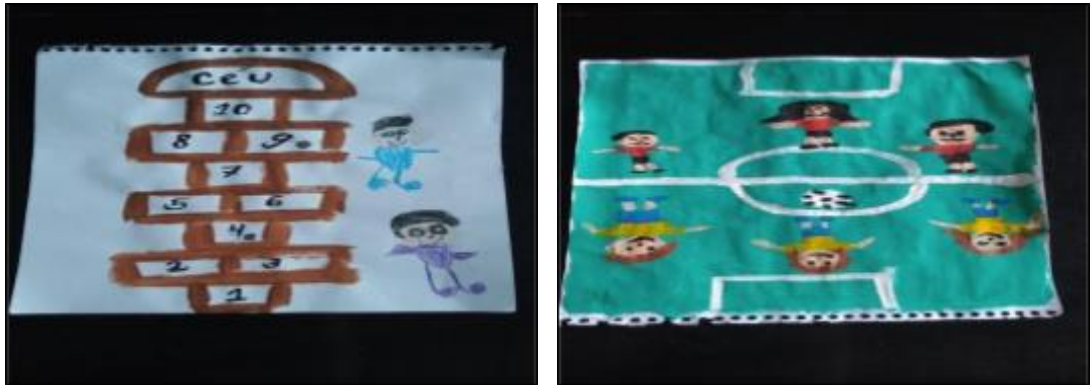
Colocar cantigas populares no momento da oficina.

TERCEIRO MOMENTO - (oficina) – Memórias: cultura, infância, cotidiano

Após o contato com as brincadeiras, propor uma oficina de pintura e desenho. Pedir para que cada participante crie um desenho livre que possa traduzir alguma memória afetiva das brincadeiras apresentadas.

Mostrar exemplos de criações para inspirar o processo criativo.

Ilustrações 6 e 7



Fonte: acervo pessoal, 2019

Ao final da oficina, sentar novamente em uma roda e pedir para cada um mostrar seu trabalho artístico e falar um pouco sobre ele. Neste momento, perguntar se eles gostaram de participar, de brincar e como isso se relacionou com suas vivências pessoais.

Observação:

A oficina poderá ser ajustada de acordo com o público-alvo, adaptando o discurso da oficina e os recursos pedagógicos.

Materiais para realização da oficina: imagens impressas de obras dos artistas Cândido Portinari e Ivan Cruz., lápis grafite, borracha, lápis de cor, caneta hidrocor, tinta guache, pincel, petecas, elásticos, cordas, bambolês, entre outros materiais para confeccionar as brincadeiras.

Referências de estudo para o educador:

BRASIL, Ministério da Cidadania. Jogos e brincadeiras das culturas populares na Primeira Infância / Ministério da Cidadania. 1.ed. atual. Brasília: Ministério da Cidadania, 2019.

Disponível em:

http://mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/CartilhaCriancaFeliz_web.pdf . Acesso em: 19 de junho de 2020.

IVAN CRUZ, 2016. Disponível em: <https://www.ivancruz.com.br/> . Acesso em: 19 de junho de 2020.

PROJETO PORTINARI. Portinari, 2018. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/> . Acesso em: 19 de junho de 2020.

OFICINA PEDAGÓGICA 5

A Arte do Grafite no contexto social e urbano

APRESENTAÇÃO

Propor uma oficina de grafite, possibilitando a ampliação do senso crítico dos participantes em relação ao meio que eles vivem, além dos conhecimentos técnicos.

O grafite

O grafite é uma manifestação artística surgida no início da década de 70, em Nova York, Estados Unidos, sendo um dos quatro pilares do hip hop (os outros são o DJ, a dança break e o Rapper). Essa linguagem tem como finalidade a intervenção em áreas urbanas, como paredes, muros, prédios e possui um forte apelo de crítica social. Seguindo essa premissa social, o grafite conta histórias por meio das paisagens urbanas, que tem como finalidade despertar o senso crítico daqueles que fruem dessa linguagem e a democratização de espaços públicos.

Existem, atualmente, várias vertentes do grafite. Exemplos: Bombing, Stencil, Thrown Up, 3D, Wildstyle, entre outros estilos. Cada um com sua característica marcante e possibilidades técnicas.

OBJETIVOS:

- Apresentar o conteúdo histórico do grafite ao longo da História da Arte.
- Debater sobre o contexto social, político e urbano do movimento artístico.
- Conhecer e experimentar os conceitos técnicos do grafite.
- Promover a interação social entre os participantes por meio das vivências geradas durante o desenvolvimento da atividade.
- Reconhecer valores culturais e sociais durante o processo de fruição da atividade.
- Fortalecer, durante o processo da atividade, a sensibilização dos sentidos, tais como os aspectos motores e os cognitivos.

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

A oficina terá a duração de 2h40min horas cada aula, que serão divididas entre teoria e prática.

Sendo organizadas nos procedimentos:

PRIMEIRA AULA – Acolhimento e contexto histórico: 1h. Atividade prática: 1h40min.

SEGUNDA AULA – Acolhimento do grupo e apresentação dos temas: 1h. Atividade prática – momento de criação: 1h40 min.

TERCEIRA AULA – Acolhimento do grupo: 1h. Ocupando o espaço: 1h40 min.

QUARTA AULA – Acolhimento do grupo e finalização dos trabalhos: 2h Vamos refletir? 40min.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A oficina será realizada de acordo com os seguintes procedimentos:

PRIMEIRA AULA – Grafite é arte?

Acolhimento do grupo e contexto histórico

O primeiro momento será de apresentação dos educadores e dos participantes.

Após o momento de interação, os alunos farão uma imersão na história do grafite, nas técnicas e nos exemplos de artistas que trabalham com esse movimento artístico, como exemplo o artista Mutano e Priscila Rooxo, da Baixada Fluminense e a artista Panmela Castro, oriunda do subúrbio carioca.

Proposta prática

Em seguida, os participantes terão a oportunidade de conhecer a proposta prática da oficina. Na proposta, cada aluno será convidado a criar um trabalho para compor algum

espaço (que será preestabelecido) do seu bairro, como, por exemplo: um muro ou uma fachada. Propor uma oficina de confecção de estêncil, com diversos materiais, tais como: acetato, papelão e outros materiais.

Ilustrações 6 e 7 - Ilustrações



Fonte: acervo pessoal, 2019

Neste momento, os alunos já estarão familiarizados com a linguagem do grafite e terão como proposta pensar em temas para criação da sua obra, temas como: problemas do bairro que eles moram, vivências pessoais, questões sociais e políticas, entre outros temas.

Materiais para realização da oficina: imagens de obras de artistas impressas, acetato, papelão, lápis grafite, tesoura, régua.

SEGUNDA AULA – Vamos criar?

Acolhimento do grupo e apresentação dos temas

Iniciar com uma roda de conversa sobre os temas que foram abordados na aula anterior. Cada aluno apresentará o que deseja retratar no seu trabalho, utilizando o estêncil que realizaram na semana passada para apresentar o tema.

Após apresentação dos temas, mostrar aos alunos o local que eles realizarão de fato seus trabalhos.

Atividade prática – momento de criação

A partir dos temas e da apresentação do local de trabalho, propor um momento de criação que servirá como base para o trabalho final. Pedir para cada um criar sua composição final em um rascunho para transferir no trabalho final.

Ao final, dialogar com os participantes sobre suas criações, fazendo gatilhos para a realização do trabalho final na próxima aula.

Materiais para realização da oficina: imagens de obras de artistas impressas, acetato, papelão, lápis de cor, pincel, tinta guache, tesoura, régua.

TERCEIRA AULA – Criando em espaços públicos

Acolhimento do grupo

Acolhimento do grupo e direcionamento da atividade prática. Apresentar aos alunos o local de trabalho e dialogar sobre o espaço.

Ocupando o espaço

Apresentar os materiais que serão usados na composição do trabalho e seus usos técnicos. Exemplos: pinceis, tintas, estêncil, tinta spray.

Propor uma experimentação dos materiais.

Após o processo de experimentação, propor que cada aluno ocupe um espaço para compor o seu grafite, que terá como base spray para grafite ou tinta acrílica.

A partir das criações realizadas na aula anterior, os alunos irão produzir o seu trabalho com o auxílio do educador.

Ao final da aula, dialogar com os alunos sobre o processo de criação.

Materiais para realização da oficina: estêncil, tinta acrílica, pincel, tinta spray.

Observações:

Esta etapa da atividade dependerá da localidade que a oficina será realizada. Previamente, será feita uma pesquisa de campo pelos educadores para conseguir um local para realização deste trabalho final.

QUARTA AULA – Finalizando os trabalhos

Acolhimento do grupo e finalização dos trabalhos

A aula será reservada para o fechamento dos detalhes finais das composições.

Vamos refletir?

Ao final, cada participante poderá comentar sobre a sua composição e sobre o que ela pode simbolizar nesse espaço público.

A partir das apresentações, o educador deve incentivar reflexões sobre questões técnicas e sociais inseridas nas obras dos envolvidos.

Terminar com uma reflexão sobre a oficina como um todo, perguntar aos participantes como foi participar desse processo de criação e questionar se eles gostariam de dar continuidade ao trabalho.

Materiais para realização da oficina: estêncil, tinta acrílica, pincel, tinta spray.

Observação:

A oficina poderá ser ajustada de acordo com o público-alvo, adaptando o discurso da oficina e os recursos pedagógicos. Por exemplo, uma oficina de grafite para crianças, no lugar de spray e tinta acrílica, será usada tinta guache na composição dos trabalhos.

Materiais para realização da oficina: tinta acrílica, spray, estêncil, pincel.

Referências de estudo para o educador:

LOPES, V.F.M; PETEIRA, M.F; TEÓFILO, A.N.S. Grafite como linguagem: apontamentos teóricos e metodológicos de estudo sobre as interferências do espaço da cidade na manifestação do grafite. Manaus: UFAM, 2011.

Disponível em:

<http://intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0305-1.pdf> . Acesso em: 20 de junho de 2020.

LOPES, J.G.V. Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3824/1/2011_JoanaGoncalvesVieiraLopes.pdf . Acesso em: 20 de junho de 2020.

CAVALCANTE, Aline. Artista relata a quarentena com ilustrações. Jornal o Dia, 2020. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/o-dia-na-baixada/2020/06/5934037-artista-relata-cenas-da-quarentena-com-ilustracoes.html#foto=1> . Acesso: 20 de junho de 2020.

BLOG DA MORANDO. Da Baixada para o mundo: aos 17, ela já é um expoente do grafite feminista., 2018. Disponível em: <https://blogdamorango.blogosfera.uol.com.br/2018/08/02/da-baixada-para-o-mundo-aos-17-ela-ja-e-um-expoente-do-grafite-feminista/> . Acesso em: 20 de junho de 2020.

FALCÃO, Juliana. Panmela Castro – Grafite Protesto. Disponível em: <https://vilamulher.com.br/famosos/mundo-da-fama/panmela-castro-grafite-protesto-6-1-80-1581.html> . Acesso: 20 de junho de 2020.

OFICINA PEDAGÓGICA 6

SIAM, Uma Batalha de Poesia

APRESENTAÇÃO

A oficina proporcionará aos envolvidos uma experimentação poética por meio do Slam, batalhas de poesias que se espalharam pelo Brasil e ganhando espaço entre aos admiradores.

O que é o Slam?

O Slam é uma batalha de poesia criada nos anos 80 na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, mas chegou no Brasil apenas nos anos 2000. A proposta é que os participantes do Slam possam produzir suas próprias poesias e, a partir delas, fazer uma apresentação verbal e performática, as quais serão avaliadas por um júri escolhido espontaneamente pelo grupo. De forma resumida, o Slam é uma competição da poesia falada, tendo, como tema, assuntos diversos em qualquer estilo, os poemas precisam ser originais e de autoria dos participantes das batalhas.

OBJETIVOS

Apresentar aos participantes o conceito de Slam e a história do movimento artístico.

Promover a interação social entre os participantes por meio das vivências geradas durante o processo de fruição da atividade.

Reconhecer valores culturais e sociais durante as apresentações.

Desenvolver, durante o processo da atividade, a sensibilização dos sentidos, tais como: os aspectos motores e os cognitivos.

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

A oficina terá a duração de 2h40min, que serão divididas entre teoria e prática. Sendo organizadas nos procedimentos:

PRIMEIRO MOMENTO – O que o Slam? 40min.

SEGUNDO MOMENTO – Slam em ação: 1h30min.

TERCEIRO MOMENTO – Vamos refletir? 30min.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A oficina será realizada de acordo com os seguintes procedimentos:

PRIMEIRO MOMENTO – O que o Slam?

Momento será de apresentação entre educadores e participantes.

Iniciar um diálogo sobre Slam e exemplos de grupos e competições que trabalham com este estilo de representação, tais como: Slam das minas e o Slam da Rampa de Paracambi.

Após esse momento, os educadores farão uma apresentação prática de Slam para que os participantes se sintam à vontade para interagir.

SEGUNDO MOMENTO – Slam em ação

Em um espaço aberto, propor que cada participante crie poesias de sua própria autoria para uma apresentação de Slam entreicineiros e os outros participantes.

Serão um total de três rodadas, sendo os temas escolhidos pelo grupo. Exemplos de temas: cotidiano, vida, escola, família, sentimento, política.

Após escolha do tema, dar um tempo para que os participantes possam pensar em seus poemas e na temática. Como opção, o desafio também poderá ser feito de forma espontânea, na qual cada um criará seu poema no ato da apresentação.

TERCEIRO MOMENTO – vamos refletir?

Momento de conversar sobre o processo de criação dos participantes, refletir sobre os temas que foram apresentando e criar reflexões a partir deles.

Observação:

A oficina poderá ser ajustada de acordo com o público-alvo, adaptando o discurso da oficina e os recursos pedagógicos. Por exemplo, os temas das batalhas podem ser escolhidos a partir da faixa etária da oficina.

Materiais para realização da oficina: caixa de som, microfone, pendrive, papel, caneta, computador, celular para gravar as apresentações.

Referências de estudo para o educador:

SOUZA, M. Z.S. Das Artes às tarefas de Clio: Uma reflexão sobre o movimento Slam. Mato Grosso do Sul: XIV, Primeiro encontro de História da ANPUH/MS, 2018. Disponível em: http://www.encontro2018.ms.anpuh.org/resources/anais/9/1539787443_ARQUIVO_trabalhocomplet.o.pdf . Acesso em: 21 de junho de 2020.

FREITAS, D. S. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. Brasília: SCIELO, 2020. <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n59/2316-4018-elbc-59-e5915.pdf>

ARTUR, Margareth. “Slam” é voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos. Jornal da USP, 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/slam-e-voz-de-identidade-e-resistencia-dos-poetas-contemporaneos/> . Acesso em: 20 de junho de 2020.